

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Matheus Freitas Gonçalves

Cultura da humilhação:

O ressurgimento da vergonha em tempos digitais

Juiz de Fora

Julho de 2016

Matheus Freitas Gonçalves

CULTURA DA HUMILHAÇÃO:

O ressurgimento da vergonha em tempos digitais

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues

Juiz de Fora
Julho de 2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Matheus Freitas.

Cultura da humilhação: : O ressurgimento da vergonha em tempos digitais / Matheus Freitas Gonçalves. -- 2016.

67 f. : il.

Orientador: Cristiano José Rodrigues

Coorientadora: Fernanda Pires Alvarenga Fernandes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Vergonha. . 2. Internet. . 3. TV. . 4. Redes sociais. . 5. Linchamento virtual. I. Rodrigues, Cristiano José , orient. II. Fernandes , Fernanda Pires Alvarenga , coorient. III. Título.

Matheus Freitas Gonçalves

Cultura da Humilhação:
O ressurgimento da vergonha em tempos digitais

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues
(FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues (FACOM/UFJF) - orientador

Profa. Dra. Fernanda Pires Alvarenga Fernandes (FACOM/UFJF) – co-orientadora

Prof. Ms. Rodrigo Fonseca Barbosa (FACOM/UFJF) - convidado

Profa. Dra. Gabriela Borges Martins Caravela (FACOM/UFJF) – convidada

Conceito obtido: () aprovado(a) () reprovado(a).

Observação da banca: _____

Juiz de Fora, ____ de agosto de 2016.

A Amanda Todd, que mudou para sempre a
forma como eu me relaciono com outras pessoas

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todos os professores que nos últimos quatro anos e meio se preocuparam em ensinar e fizeram o seu melhor para que o conhecimento continuasse seu curso.

Aos mestres que me ajudaram a dar vida a esse trabalho: Ao meu orientador Cristiano, pela confiança e liberdade no trabalho e a minha Co-Orientadora Fernanda por toda atenção e dedicação nessa reta final (e por ter corrigido minhas *consequências*)

Aos meus pais, que trabalharam duro para que eu conseguisse a educação que eu sempre quis

À Acesso Comunicação Jr. por ter me feito um profissional e ao intercâmbio que mudou a forma como vejo o mundo

Por fim, a todos os amigos que dividiram essa experiência comigo.

A healthy dose of guilt never hurt anybody. It's what civilization was built on, guilt. A highly underrated emotion. (BARACK OBAMA, 1995, p.41)

It's not about what it is, it's about what it can become. (SEUSS, Dr., 1971, p. 12)

RESUMO

Sentenças que feriam a dignidade humana foram amplamente utilizadas para punir violações sociais numa época pré-prisões até que foi percebido que “pagar na mesma moeda” não era a solução para que ocorresse uma diminuição de delitos. Entretanto, até os dias de hoje a vergonha é usada para garantir que as pessoas ajam de acordo com o que é “certo”. Mesmo com fim das sentenças humilhatórias legais, a sociedade continuou a garantir a ordem por conta própria segundo normas morais sem uma origem concreta e, mais tarde, a mídia veio propagar essas regras. A TV e o rádio, como os primeiros meios de comunicação que conseguiam atingir uma ampla parte da população ao mesmo tempo, reforçaram o estilo de vida que deveria ser seguido; os papéis de cada sexo, os ideais de beleza etc., difundido determinados comportamentos sociais por novas gerações. A internet e as redes sociais mudaram para sempre a forma como nos relacionamos de uma maneira muito mais intensa do que o jornal e a TV fizeram antes. A rapidez, a praticidade e a abertura à participação, características dos novos meios proporcionaram ao público, que passou séculos recebendo informações, devolvesse, produzindo avidamente. Ao mesmo tempo em que incentivava nos usuários o compartilhamento e a afirmação pessoal, a internet continua a propagar o estilo de vida correto, fazendo com que a humilhação pública, popular no século XVIII, retorne com ares digitais, já que qualquer mínimo desvio de conduta pode ganhar espaço na web e envolver usuários no linchamento virtual, sem descartar possibilidades de consequências reais para o transgressor. Por ser um tema que abrange diversas áreas do conhecimento, o trabalho a seguir irá adentrar nos campos da comunicação, da psicologia e da tecnologia para relacionar o surgimento de novos meios de comunicação com o resurgimento da humilhação como controle social. Para deixar o trabalho ainda mais atual, foram utilizados diversos exemplos reais para tentar explicar as possíveis causas desse fenômeno conhecido como linchamento virtual.

Palavras-chave: Vergonha. Internet. TV. Redes sociais. Linchamento virtual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Post de Ana Paula Valadão incitando boicote a marca C&A	46
Figura 2 –Post de Ana Paula Valadão incitando boicote a marca C&A	47
Figura 3 – Tuíte de Justine Sacco que causou o seu linchamento virtual	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: VERGONHA COMO CONTROLE COMPORTAMENTAL	11
2 O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	15
2.1 POSTO, LOGO EXISTO	16
2.1.1 Como participar? Publique, depois filtre.....	18
2.1.2 Por que participar? Você não é ninguém até que falem sobre você	20
2.1.3 Quando participar? E agora vamos viver na internet.....	22
2.1 A UNIÃO FAZ A FORÇA.....	25
2.2.1 Hierarquização do acesso a o poder de influenciar grupos	26
3 SHAME ON YOU: A SOCIEDADE DO PATRULHAMENTO E A CORREÇÃO COMPORTAMENTAL.....	31
3.1 ESTEREÓTIPOS E DISCRIMINAÇÃO: POSIÇÃO DE PODER GERA MAUS COMPORTAMENTOS	32
3.2 NORMAS MORAIS DE COMPORTAMENTO	34
4 A WEB SE TORNOU A PRAÇA PÚBLICA DO SÉCULO XXI.....	39
4.1 PACIENTE ZERO	39
4.2 A ECONOMIA DO LIKE.....	40
4.3 LINCHAMENTO VIRTUAL	43
4.3.1 Doxing.....	44
4.3.2 Revenge Porn	45
4.3.3 Negative Reviews	46
4.3.4 Government Shaming	47
5 DESTRUIÇÃO EM MASSA.....	49
5.1 POR QUE AS PESSOAS PARTICIPAM DE LINCHAMENTOS VIRTUAIS?	51
5.2 COMO TRATAM A VÍTIMA.....	54
5.3. POR QUE ESCOLHEM A HUMILHAÇÃO?	58

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: VOLTAR A NÃO TER VOZ..... 61

REFERÊNCIAS..... 65

1 INTRODUÇÃO: VERGONHA COMO CONTROLE COMPORTAMENTAL

Não faltam exemplos de como a humilhação pública é usada como ameaça ou punição para corrigir/evitar comportamentos, seja na literatura, na TV ou na vida real: Hester Prynne foi sentenciada a andar para sempre com uma letra “A” vermelha bordada no peito depois de ter uma relação adúltera que terminou no nascimento de uma criança ilegítima no livro *A Letra Escarlata* de Nathaniel Hawthorne, Jesus Cristo foi condenado à morte na cruz, a sentença mais humilhante da época, por se dizer filho de Deus, em qualquer filme adolescente norte-americano podemos encontrar um personagem sofrendo bullying por fugir dos padrões da juventude e até mesmo as placas de “Sorria. Você está sendo filmado” nos elevadores tem como objetivo reprimir comportamentos considerados “indesejáveis”.

A submissão à vergonha se tornou uma poderosa arma para garantir que nossos vizinhos façam a coisa certa; e essa arma funcionava muito bem; sempre vivemos de acordo com regras sociais bastante claras, mesmo que não ditas em voz alta, para fugirmos de suas consequências; como se tivéssemos sob a mira de um revólver. Por muito tempo a homossexualidade foi reprimida de maneira muito mais forte que nos dias de hoje, negros tinham que se sentar no último banco do ônibus e usar banheiros e bebedouros diferentes das pessoas de pele clara, mulheres precisavam usar roupas que escondiam boa parte do seu corpo; tudo isso para passar se encaixar no que era considerado normal pela sociedade.

Os primeiros antropólogos que estudaram a vergonha afirmam que ela nasceu em culturas coletivistas, principalmente em algumas no Japão mas também em outros lugares como a China, o Irã, a Rússia e até mesmo no Brasil; em sociedades mais individualistas, como nos Estados Unidos, ela foi substituída por sentimentos autopunitivos como a culpa (JACQUET, 2015, p. 28).

Até mesmo a palavra culpa parece ser uma criação do mundo moderno; para se ter uma ideia; Shakespeare só a usou 83 vezes em suas obras enquanto usou a palavra *shame* (vergonha em inglês) 346¹. A culpa é um sentimento tão novo e fabricado pelo homem que nós nem mesmo sabemos como ela se parece; em um estudo feito em Wisconsin nos Estado Unidos (JACQUET 2015) em que os pesquisadores deram fotografias para os participantes interpretarem as emoções nos rostos das pessoas nelas contidas, eles não conseguiram

¹ Disponível em: <<http://www.opensourceshakespeare.org/concordance/findform.php>> Acesso em: 17/06/2016

identificar culpa tão bem quanto conseguiram identificar emoções como raiva, medo e até mesmo vergonha.

A grande diferença entre a culpa e a vergonha se restringe, basicamente, ao público: enquanto a vergonha acontece mais comumente na presença de outras pessoas a culpa ocorre de modo internalizado. Talvez, por ser mais prática para o Estado, a vergonha se popularizou para garantir a ordem social de forma mais barata. Fazer com que a própria pessoa ou um grupo repense suas ações significa que outras pessoas ou o governo não precisa fazer, mesmo que seja considerada mais prejudicial, ao indivíduo e a sociedade, do que a culpa, a vergonha como punição se tornou algo muito comum.

Foucault (1987) acredita que penas humilhatórias, suplício como ele chama, foram desaparecendo graças a uma tomada de consciência da sociedade em prol da humanização dos castigos. Além disso, foi percebida uma inversão dos papéis entre carrasco e criminoso, juiz e assassino, uma vez que a sociedade via um crime horrível como um assassinato sendo cometido friamente pelo governo sem nenhum tipo de remorso.

Por isso

em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal. (FOUCAULT, 1987, p. 12)

A partir da segunda metade do século XIX começou a acontecer a mudança das penas teatrais para a prisão; o corpo ainda era atacado com privação sexual e redução alimentar por exemplo, mas o modo de controlar a sociedade foi repensado, “a certeza de ser punido é o que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro” (FOUCAULT, 1987, p.13), dessa forma duas coisas mudaram nesse período: o fim do ataque físico ao corpo do criminoso e da execução pública como incitador da violência na sociedade.

Ronson (2015) acredita que as punições públicas foram se extinguindo, não por que eram ineficazes, mas por que eram cruéis demais. Mesmo assim, elas continuaram encontrando espaço entre grupos que conseguem, de uma forma não fisicamente violenta, atacar publicamente os violadores.

O juiz norte-americano Ted Poe ficou conhecido por humilhar seus réus durante as décadas de 1980 e 1990 quando trabalhava no Texas. As condenações de Poe variavam de acordo com o crime, para violações menores ele sentenciava que os réus limpassem esterco, por exemplo, para crimes maiores as sentenças eram mais pesadas; como o caso de Mike Hubeack. Em 1996 o jovem dirigia bêbado a 160 km por hora e bateu contra uma van matando

dois dos três passageiros. Poe o sentenciou a 110 dias de treinamento correcional e também a segurar, uma vez por mês, um placa que dizia “matei duas pessoas por dirigir bêbado” em frente a bares e instituições de ensino durante dez anos, erguer e fazer a manutenção de uma cruz e uma estrela de Davi na cena do acidente, manter fotografias das vítimas na carteira, enviar dez dólares semanalmente para um fundo em nome das vítimas e observar a autópsia de uma pessoa morta em acidente de carro provocado por um motorista bêbado. Em entrevista a Ronson, Poe disse que a humilhação funcionava melhor que a prisão: “Coloquei um bom número de pessoas na penitenciária. 65% delas voltaram a prisão. Contudo, nunca mais voltamos a ver 85% dos humilhados publicamente” (RONSON, 2015, p. 96).

Jacquet (2015) utiliza alguns argumentos, de filósofos e intelectuais, contra o uso da humilhação pelo governo; um deles é que isso vai contra a primeira responsabilidade do Estado que é proteger a dignidade humana, mesmo que a sociedade continue a estigmatizar algumas pessoas, a participação do Estado nisso seria subversivo às ideias de igualdade nas quais qualquer sociedade democrática se baseia. Além disso, humilhações públicas transferem a responsabilidade de punir para o público; o que causa um impacto não apenas no humilhado, mas no humilhador também.

Dos tribunais, as sentenças de humilhação pública foram para a internet e caíram nas mãos de uma sociedade sem o direito de sentenciar, a justiça passou das mãos do Estado para um público inconsequente que usa o seu poder sem pensar em como o fazer. Afinal, quais violações mereceriam a humilhação? Por quanto tempo ela deve continuar? Quem ela deveria atingir? As redes sociais criaram um palco onde uma pessoa é colocada involuntariamente e sozinha sob holofotes enquanto o restante dos usuários senta-se na plateia com tomates podres nas mãos para fazer valer sua força de opinião e se auto provar contra o comportamento repreendido. Nós deixamos de vigiar e comentar com nossos vizinhos sobre a vida alheia, deixamos de repreender com um olhar, começamos a colocar a vida de outras pessoas em pauta e a decidir como elas devem viver, e pior, o que deve acontecer com elas quando não seguem as regras.

Este trabalho busca criar um panorama para entender o ressurgimento da vergonha como punição em terras virtuais, partindo do papel que os meios de comunicação desempenham na formação das regras sociais sob as quais nós vivemos e das redes sociais virtuais como fomentadoras de uma geração refém da atenção de outras. Uma vez discutida a criação de regras comportamentais, debateremos como tais regras partiram de sociedades com desigualdades

sociais enormes, gerando normas de conduta que perpetuam esse problema através de gerações, discutindo também aspectos relacionados ao desempenho da mídia nessa propagação.

A partir daí entraremos, enfim, na discussão sobre os linchamentos virtuais. Retomando os primeiros capítulos em uma análise de motivações, razões e consequências do público que lincha em relação a norma social violada e seu transgressor. Dessa forma, espera-se entender, e traçar uma linha do tempo, como foi o ápice e a queda da humilhação pública como pena para violações sociais e como ela ressurgiu nos tempos modernos da internet, se tornando esse fenômeno digital, ainda pouco discutido.

2 O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Quando a televisão chegou aos lares das famílias das décadas de 40 e 50 mudou para sempre a forma como elas viviam. As pessoas se afastaram umas das outras por que agora tinham um outro tipo de companhia e, além disso, conseguiam muito mais informação em um tempo bem menor do que antes, quando tinham que conversar umas com as outras. O ponto negativo que isso trouxe foi o fato de que, ao menos no início, conseguir informações da televisão era um caminho de mão única no qual o telespectador não podia responder de volta.

Dessa forma fomos doutrinados pela televisão e por quem a comandava, e não educados por ela como estávamos acostumados a ser por livros e por relações pessoais. A TV propagava ideias do que era feio, bonito, certo e errado, e isso ajudou a normalizar um mundo diferente do real, onde mulheres ficariam cuidando da casa, pessoas negras estariam em posições inferiores às das brancas e indivíduos do mesmo sexo não poderiam se relacionar amorosamente.

Para exemplificar este processo de doutrinação de pensamento, Assmar, Jabloski e Rodrigues utilizam a seguinte narrativa, no livro *Psicologia Social* (2007):

Um pai e seu filho trafegavam por uma movimentada estrada. Estavam próximos de seu destino quando o pai perdeu a direção do carro, saiu da estrada e bateu num poste. O pai morreu instantaneamente e o filho ficou bastante ferido. Uma ambulância levou o menino para o hospital mais próximo. Convocaram a equipe médica para uma cirurgia de emergência, mas quando a pessoa que ia operar entrou na sala de cirurgia e viu o garoto, não se conteve e gritou: "Eu não posso operá-lo! Ele é meu filho!" (ASSMAR, JABLOSKI & RODRIGUES, 2007, p.143)

De acordo com os psicólogos muitas pessoas reprovaram nos testes em que era pedido para detectar o erro na história acima, muitos dizem que seria um erro do redator, mas o problema mesmo está na educação que nós recebemos “que (a) nos impede de ver homens e mulheres cumprindo papéis sociais rígidos e distintos (b) e nos impede, por exemplo, de ver mulheres fugindo aos tradicionais papéis que lhes são naturalmente impostos” (ASSMAR, JABLOSKI & RODRIGUES, 2007, p.143).

Na história da humanidade coube ao homem desempenhar o papel de provedor do sustento e chefe de família enquanto a mulher deveria cuidar dos filhos e da casa. Tudo isso partiu da ideia de que ambos os sexos são naturalmente capacitados a realizar determinadas tarefas e suas biologies diferentes determinavam isso. Esses papéis sociais foram perpetuados

pela mídia e, até hoje, mesmo com várias conquistas pró-igualdade dos sexos os lugares sociais reservados à mulher são menos prestigiosos.

Quando adentramos a era da internet passamos a dividir com a televisão e seguir perpetuando esses estereótipos através de gerações. Nós ganhamos voz e poder, podíamos transformar o mundo em um lugar justo, mas já estávamos muito absorvidos no que as novas mídias nos lançava sem refletir sobre seu conteúdo.

2.1 POSTO, LOGO EXISTO

Durante muito tempo a televisão foi a principal ocupação de nosso tempo livre. Shirky (2011) diz que a TV foi como um emprego de meio expediente para todos os cidadãos do mundo desenvolvido e que o problema disso estava na dosagem: não se assistia apenas TV boa ou ruim, assistia-se de tudo. Por causa disso, a ideia de que ver TV não faz bem rodou o mundo, contudo “o dramático aumento do hábito de ver TV não era o problema, era a reação ao problema” (SHIRKY, 2011). Assistir TV não fazia mal, mas isso tomava o tempo de outras maneiras de se divertir, se socializar com outras pessoas e até mesmo de dormir, e é aí que morava o principal problema.

Shirky (2011) fala sobre como o ser humano é ser um ser social e apresenta estudos sobre como o vício em assistir TV atrapalhou isso. Além de fazer com que as pessoas troquem atividades que fariam com outras pessoas por algumas horas solitárias, ela ainda faz com que ocorra uma inversão dos valores pessoais, aumentando o individualismo, as aspirações materiais e fazendo com que nós subestimemos a importância de nossas relações sociais.

A mídia do século XX voltava-se para um único enfoque: Consumo. A pergunta estimulante da mídia nessa época era: Se produzirmos mais, vocês consumirão mais? A resposta para essa pergunta foi em geral positiva, já que o indivíduo médio consumia mais TV a cada ano. Mas a mídia é na verdade como um triatlo, com três enfoques diferentes: as pessoas gostam de consumir, mas também gostam de produzir e compartilhar. (SHIRKY, 2011, p.25)

Agora, com a popularização da internet e dos smartphones que são formas de mídia que permitem esse triatlo mencionado acima, está se observando pela primeira vez uma geração que assiste menos TV. Mesmo que use seus aparelhos para assistir vídeos que poderia ver na televisão, essa sociedade pode “responder” ao que recebe: pode produzir, pode comentar, compartilhar e discutir com o próximo. Contudo, ainda parece que o padrão individualista que

a TV criou, em que as pessoas passaram a preferir assistir TV do que interagir com outras, ainda está vigente na nossa sociedade.

o papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo. [...] Cada vez mais as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por um computador. Assim, não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade, (CASTELLS, 2003, p. 109)

Uma vez organizados e reunidos nessas redes sociais, onde a ação de publicar chega a ser fortemente incentivada, ocorre uma amadorização do trabalho de espalhar informação e uma mudança dos critérios de publicação que deixam de ser vistos sob o pensamento “Por que publicar isso?” para “Por que não publicar?”.

Podemos ser otimistas e pensar que essa democratização trouxe uma liberdade de conhecimento já que não estávamos mais presos a poucos meios de comunicação que decidiam o que deveríamos saber e o que não, mas, por outro lado, o trabalho de produção – e principalmente de divulgação – de conteúdo requer, como qualquer outro, um certo nível de profissionalização e, se todos nós nos tornarmos amadores, quem é que vai fazer o trabalho da maneira certa?

Enquanto Shirky entusiasma-se com a possibilidade de ver um material, mesmo o amador, publicado e globalmente disponível em qualquer parte do globo, Keen (2009), é pessimista em relação às novidades trazidas pela web. Apesar disso ele acredita que a produção amadora de conteúdo na internet ajudaria a disseminar a ideia de que precisamos encontrar algo para confiar e uma bandeira de um jornal respeitado, por exemplo, traz certo conforto porque acreditamos que o conteúdo ali publicado foi examinado por uma equipe qualificada. Contudo, não é exatamente isso que acontece; nós acabamos “usando a web para confirmar nossas próprias idéias partidárias e nos aliar a outros com a mesma ideologia” (KEEN, 2009, p. 55).

Parece redundante discutir se a web é um benefício ou um malefício para a nossa sociedade. Ela já chegou, está sendo usada, e veio para ficar. Os meios que usamos para nos comunicar estão se tornando mais baratos e melhores; e isso não é uma novidade do século XXI, aconteceu o mesmo com a prensa móvel, com o rádio e com a TV, mas em tempos em que a publicação é incentivada e exige um esforço mínimo precisamos pensar sobre suas consequências.

2.1.1 Como participar?: Publique, depois filtre

As invenções tecnológicas para aumentar nosso poder social deixaram de ser de mão dupla privada, como o telefone que permite uma troca de conteúdo entre apenas entre as pessoas envolvidas, passaram a ser de mão única pública, como a TV que apenas despeja conteúdo nos usuários; e agora evoluíram para uma mídia de mão dupla que parte do privado para o público, uma pessoa produz o conteúdo e atinge todas as outras:

Em vez de termos uma única empresa como dona e operadora de todo o sistema, a internet é apenas um conjunto de acordos sobre como mover dados entre dois pontos. Qualquer um que se atenha a esses acordos, desde uma pessoa operando um telefone celular até uma grande empresa, pode ser um membro totalmente habilitado da web. A infraestrutura não pertence aos produtores de conteúdo: ela é acessível para qualquer um que pague para usar a rede, independente de como a utilize. (SHIRKY, 2011, p. 54)

Erika Mitchel é uma inglesa formada em história que sempre quis ser uma escritora. Esse amor pela literatura – e pela saga de livros *Crepúsculo* – levou a britânica a começar *fanfics*² com os personagens principais da saga de vampiros escrita por Stephanie Meyer, mas para um público mais adulto com um certo interesse por sadomasoquismo e submissão sexual, e publicá-las online. O sucesso de suas histórias, chamadas até então de *Masters of the Universe*, foi tão grande que levou a autora a tirá-las dos sites onde havia publicado e compilá-las em um site pessoal. Foi nesse momento que Erika mudou o nome das personagens de Edward e Bella para Christian Grey e Anastasia, e o grande sucesso de *50 Tons de Cinza*, como conhecemos hoje, começou a se formar.

Em 2011 Mitchel se tornou E.L. James e publicou a primeira parte de sua famosa trilogia como e-book e impressão sobre demanda por uma editora virtual australiana. Rapidamente a popularidade do livro aumentou graças a, quase que exclusivamente, anúncios on-line e divulgação boca-a-boca, e então uma editora inglesa relançou o livro, que se tornou o mais vendido de todos os tempos no Reino Unido e transformou sua autora em uma das cem pessoas mais influentes de 2012 segundo a revista Time.

Shirky (2011) afirma que a liberdade que a internet trouxe às pessoas é conflitante com a qualidade do que se é oferecido, contudo, isso não é uma novidade trazida pela revolução digital; quando Gutenberg aperfeiçoou a prensa móvel no século XV, e tornou o processo de

² Histórias criadas por fãs baseadas em animes, bandas, celebridades, séries, mangás, músicos, livros, filmes, histórias em quadrinhos e outros diversos meios. Disponível em <<https://spiritfanfics.com/fanfics/>> Acesso em: 18/09/2016

fabricação de livros muito mais rápido, isso já começou a acontecer. “Os livros começaram a aparecer nos idiomas locais, cujo texto datava de meses, em vez de séculos, livros que eram, ao mesmo tempo, variados, contemporâneos e comuns” (SHIRKY, 2011, p. 43). Logo, ao mesmo tempo que as novidades tecnológicas podem abaixar a qualidade geral do que era oferecido, também tornam possível a disseminação de obras como as de Lutero ou Aristóteles e a publicação de algo que o público demandava, como foi o caso de Erika Mitchel.

Descrente em relação à facilidade de publicação Kenn (2009) acredita que as novas práticas resultarão no fim de livrarias e editoras nos restará ler versões de nossas histórias. O autor ainda questiona se essa abertura para a participação pública pode gerar algo digno de ser lido, assistido ou ouvido; já que estamos substituindo artistas profissionais por amadores com um computador e acesso à internet.

Da mesma forma que a abundância de possibilidades de publicação desvalorizou a prática da escrita, a liberdade que a internet trouxe desvalorizou a oportunidade de opinar sobre tudo que cerca os usuários da rede, as pessoas querem participar de tudo o tempo todo, mesmo e talvez principalmente, quando não possuem o conhecimento necessário para isso.

Pode parecer contraditório, mas todas as bobagens que as pessoas estão compartilhando sem parar na internet não são para atingir o grande público; nós estamos tão acostumados com mídias falando diretamente com a gente que achamos que qualquer comentário na internet é direcionado a nós especificamente; mas os internautas não estão falando com você nem comigo.

A maior parte do conteúdo gerado por usuários não tem nada de “conteúdo no sentido de ser criado para o público geral [...]. Muita coisa criada a cada dia é apenas matéria comum da vida – mexerico, breves informações, pensamentos em voz alta -, mas agora isso é feito no mesmo meio que material profissionalmente produzido. (SHIRKY, 2012, p. 75)

Antes éramos divididos em produtores e consumidores, agora “a nova mídia, pelo contrário, dá a todos a oportunidade de falar assim como de escutar. Muitos falam com muitos – e muitos respondem de volta” (FERRARI, 2010, p. 32). Todo esse conteúdo sem conteúdo fica armazenado na rede para sempre, o que deveria ser um apelo para continuarmos usando a premissa do “filtre, depois publique” da mídia tradicional na vida on-line, mas, na prática, observamos o inverso na internet.

2.1.2 Por que participar?: Você não é ninguém até que falem sobre você

Até alguns anos atrás, numa época em que as pessoas ainda alugavam DVDs e acompanhavam séries americanas através de canais à cabo, a espera até um filme ou episódio chegar ao Brasil legendado podia ser de meses. Hoje em dia, essa espera pode ser apenas de algumas horas ou sequer existir.

Logo após um episódio ser exibido pela TV americana ou quando um longa-metragem “vaza” na internet, ele já fica disponível para ser baixado via *torrent*, uma maneira de transferência de arquivos onde o produto é dividido em diversas partes para que o download seja mais rápido e todo mundo que tem o arquivo em seu computador se torna automaticamente um distribuidor do mesmo para outros usuários; isso reduz significativamente o consumo de banda do distribuidor original, não sendo necessário que o arquivo fique armazenado em um servidor.

Quem não tem o inglês na ponta da língua não precisa se preocupar, existem pessoas que fazem as legendas e disponibilizam na internet sem cobrar nada por isso. E o fazem por puro prazer.

O estudante de comunicação Guga, como é conhecido pelos “legenders” – as pessoas que fazem as legendas clandestinamente e as disponibilizam na internet – fez parte de um dos mais famosos grupos de legenda amadora, o InSubs. Em uma entrevista para o portal Oglobo.com, em 2010, ele conta que o grupo não recebe nada além de reconhecimento pelo trabalho.

Ganhamos "finalmente!", "demorou, hein!", "quase morri de tanto esperar". Brincadeira! Ainda bem que hoje em dia com o esquema que a InSUBs tem feito de tentar lançar todas as séries com menos de 48h, esses comentários diminuíram, mas são bem comuns. Só recebemos mesmo comentários, alguns bem egoístas como os que exemplifiquei, mas muitos carinhosos. De dinheiro mesmo não recebemos nada, inclusive temos prejuízo, pois temos que pagar servidor do nosso próprio bolso.³

Shirky (2011) apresenta um experimento que prova que a motivação humana não é puramente cumulativa, pois fazer algo por interesse ou por uma recompensa externa são dois tipos de atividades muito diferentes. O autor oferece outra teoria psicológica para reforçar sua ideia, que diz que existem dois tipos de motivação, a motivação intrínseca e a motivação

³ Disponível em <<https://www.google.com.br/search?q=oglobo+legenders+guga&oq=oglobo+legenders+guga&aqs=chrome..69i57j69i60l3j69i59j69i65.3122j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> Acesso em: 20/03/2016

extrínseca. “Motivações intrínsecas são aquelas nas quais a própria atividade é a recompensa [...] Motivações extrínsecas são aquelas nas quais as recompensas por fazer algo é externa à atividade, e não a atividade em si (SHIRKY, 2011, p. 68).

Em sua análise, Shirky recorre ao ensaio dos professores universitários norte-americanos Bankler e Nissenbaum, que escreveram sobre como as motivações sociais podem influenciar na maneira como fazemos uma tarefa. Eles concluíram que as motivações sociais, de conexão e participação, reforçam as motivações pessoais, de compartilhamento e generosidade. A criação de redes sociais encoraja a nossa participação em comunidades nas quais o compartilhamento é muito bem visto, e isso acaba sendo uma motivação social para fazê-lo. “A motivação para compartilhar é o fator determinante; a tecnologia é apenas o facilitador” (Shirky, 2011, p. 75).

O feedback verbal recebido pelos benfeitores, como no caso dos “legenders”, pode parecer uma recompensa extrínseca, como uma salva de palmas, mas quando vem de alguém respeitado pela pessoa que fez, o compartilhamento se torna uma recompensa intrínseca, já que faz parte de um sentimento de conexão, o principal objetivo de entrar numa rede social.

Nós podemos entender que tanto a motivação social quanto a pessoal só se tornam possíveis graças à maneira como a internet aproximou pessoas com interesses e objetivos em comum. O exemplo das *fanfics*, mencionado no último tópico, mostra isso claramente, pois a internet aproximou escritores amadores que queriam divulgar seu trabalho com leitores à procura de novas histórias sobre suas personagens preferidas.

A internet não apenas facilita o compartilhamento de informações, mas, ao mesmo tempo, retoma o momento em que víamos pessoas na TV e queríamos ser elas; em vez de usarmos a internet e todas suas tecnologias para buscarmos cultura e informação estamos utilizando-a para nos tornarmos a notícia.

Esse infinito desejo de atenção pessoal está movendo a parte mais dinâmica da nova economia da internet – redes sociais como MySpace, Facebook, Bebo e Orkut. Como santuários para o culto da autotransmissão, esses sites tornaram-se repositórios de nossos desejos e identidades individuais. Eles se dizem devotados à interação social, mas na realidade existem para que possamos fazer propaganda de nós mesmos: desde nossos livros e filmes favoritos até de nossas férias de verão, sem esquecer “testemunhos” elogiando nossas qualidades mais cativantes ou recapitulando nossas últimas farras. (KENN, 2009, p.12-13)

Nesse novo campo, a atenção é a moeda de troca na economia da sociedade cibernética; ninguém coloca algo na internet sem esperar receber algo em troca, e na maioria das vezes um pouco de atenção é o que as pessoas anseiam.

Keen (2012) afirma que compartilhar virou uma religião e isso significa que viver nesse mundo social é uma escolha por uma vida sem privacidade

Cada nova plataforma social, serviço *social*, aplicativo *social*, página *social*, Eu aprendi, estava se tornando um pedaço desse novo mundo midiático *social* – de jornalismo *social* até empreendedorismo *social* até comércio *social* até produção *social* até aprendizado *social* até caridade *social* até e-mail *social* até games *sociais* até capital *social* até TV *social* até consumo *social*, até consumidores *sociais*, até um “mapa *social*”, um algoritmo que supostamente mapeie cada uma de nossas distintas redes sociais. E dado que a internet estava se tornando o tecido conectador da vida do século XXI, o futuro – nosso futuro, seu meu e de todo mundo nessa rede onipresente – iria, portanto, ser, sim você acertou, *social*. (KEEN, 2012, p. 13 - tradução nossa)⁴

As tecnologias sociais, criadas sob a premissa de nos unir, de facilitar processos, de diminuir distâncias e solidão, acabaram por criar no (ou extrair do) homem moderno o vício na hipervisibilidade, associando auto exposição a valor social, afinal, você não é ninguém até que falem sobre você.

2.1.3 Oportunidades para compartilhar: E agora vamos viver na internet

Sempre que uma nova tecnologia ou uma nova maneira de se comunicar surge, existe a dúvida se as pessoas, principalmente as mais velhas, vão se adaptar a elas. O que está sendo oferecido, entretanto, nunca é algo inútil ou supérfluo; mas sim uma nova oportunidade de se manter em contato com amigos, familiares e de se ter vida social. “O mistério não é por que os idosos começaram a trocar e-mails; o mistério é como pudemos nos ter convencido de que o uso do e-mail era, principalmente, uma novidade tecnológica, e não de continuidade social” (SHIRKY, 2011, p. 93)

Em 1992 o Brasil teve um dos seus maiores movimentos estudantis: os Caras-Pintadas, exigindo o impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo. As ruas foram

⁴ Every new social platform, *social* service, *social* app, *social* page, I learnt, was becoming a piece of this new *social* media world – from *social* journalism to *social* entrepreneurship to *social* commerce to *social* production to *social* learning to *social* charity to *social* e-mail to *social* gaming to *social* capital to *social* television to *social* consumption to *social* consumers to the “*social* graph”, an algorithm that supposedly maps out each of our unique *social* networks. And given that the Internet was becoming the connective tissue of twenty-first-century life, the future – *our* future, yours and mine and everyone else on the ubiquitous network – would, therefore, be, yes you guessed it, *social*. (KEEN, 2012, p. 13)

tomadas por milhares de pessoas em diversas manifestações entre os meses de agosto e setembro. O movimento atingiu seu objetivo principal e, em dezembro, o presidente renunciou ao cargo.

Quase 20 anos depois, países do mundo árabe se viram numa situação parecida. Uma onda de protestos, conhecida como Primavera Árabe, eclodiu em 2011 provocada pela crise econômica e pela falta de democracia nesses países. Uma grande diferença dessas manifestações, para as que ocorreram no Brasil na década de 90, foi o uso das mídias sociais, como o Twitter, o Facebook e o YouTube, para organizar, comunicar e sensibilizar o mundo todo em relação ao que estava acontecendo lá há décadas e às tentativas de repressão e censura na internet por parte dos Estados Islâmicos.

Gumbrecht (2015 *apud* DINIZ e FERNANDES 2015) em entrevista disse acreditar que a internet criou em seu usuário o desejo de estar junto ao mesmo tempo em que deu a possibilidade aos mesmos de passar a vida toda na frente de um computador sem contatos pessoais. É uma situação paradoxal, você quer fazer parte de um grupo com um objetivo em comum mas quer fazer isso sozinho; e a internet tornou-se a ferramenta ideal para isso.

A Primavera Árabe sem o uso de celulares não teria sido possível. A tecnologia móvel dá a esses corpos místicos, a essas aglomerações, uma flexibilidade comparável a uma revoada de pássaros. Esses corpos místicos às vezes se movem, não são estacionários, porque contam com a facilidade do uso do celular. E, nesse sentido, de repente uma tecnologia específica e também portátil, que você já tem consigo e que já faz parte do seu corpo, é uma condição quase decisiva – se não decisiva, muito importante – para uma coisa que é quase um protesto ou uma reação contra a própria tecnologia. (DINIZ e FERNANDES, 2015, p. 1)

Graças a essas redes sociais as manifestações puderam ocorrer e, muito mais que isso, puderam ser vistas pelo mundo todo. A Primavera Árabe mostrou que a internet fez muito mais que dar voz para pessoas comentarem sobre o assunto que quiserem, elas também deram a oportunidade para que indivíduos se unissem e fizessem um impacto de verdade no mundo moderno.

No Brasil, o movimento dos caras-pintadas conseguiu seu objetivo principal sem o uso das redes sociais da internet, já que elas nem existiam ainda. Quase duas décadas mais tarde, e em países onde a censura é muito mais forte que a nossa era na década de 90, algumas redes sociais tornaram possível a queda de governos ditatoriais, alguns que estavam há mais de 30 anos no poder, provando que a utilização dessas redes é de fato uma “continuidade social”, e não apenas uma novidade tecnológica.

Depois de séculos sendo ignorada pelo Estado a sociedade viu na comunicação uma forma de ser ouvida. Graças às ferramentas que eram usadas para moldar o público, como a TV, foi conseguido espaço e um impacto começou a ser causado; hoje essas ferramentas estão nas palmas das nossas mãos de todos e garantem um espaço que nunca foi visto antes, mas talvez seja espaço demais.

Esses meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunicadas a que se pertence, de conceber e exercer os direitos. Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. (CANCLINI, 2006, p. 38-39)

Contudo, essa abertura para contatos cada vez maiores e mais intensos, também dá lugar a uma superexposição pessoal, é o vício da hipervisibilidade mais uma vez. Ao mesmo tempo em que podem ser o início de grandes revoluções e mudanças sociais, esses canais também são a porta para a vida íntima de cada um dos usuários, o que pode ser um choque para as gerações que não nasceram vendo essa auto divulgação como uma coisa normal. Além disso, nesse contexto, pode ser discutido também a motivação que leva cada usuário a se engajar em uma causa; usar sua voz para conseguir causar algum impacto social ou usa-la para e autoafirmar nessa economia do *like*, em que conseguir a parabenização do outro faz com que os usuários postem ainda mais, como veremos com mais detalhes nos próximos capítulos.

A mesma diferença vista nas manifestações brasileiras e árabes pode ser vista aqui: oportunidade. A comparação de que os jovens de hoje se comportam diferentemente, de uma maneira mais exposta, do que alguns anos atrás “ignora convenientemente o fato de que não nos comportávamos assim porque ninguém nos deu a oportunidade” (SHIRKY, 2011, p. 113). Essa hipervisibilidade da geração atual se torna uma questão de espaço; até então, para conseguir a aprovação da sociedade tínhamos que sair de casa e viver, hoje podemos fazer isso atingindo muito mais pessoas apenas escrevendo um “textão” no Facebook.

Parece ser uma tecnologia incrível, mas ao mesmo tempo em que a internet é essa terra de oportunidade para nós nos comunicarmos e nos expormos para o mundo, também é uma terra sem lei, na qual nascem informações em todos os cantos sem checagem de fatos e que em instantes pode rodar o planeta. É difícil confiar no que lemos e também com quem conversamos, já que o caráter anônimo da web garante que as pessoas possam ser quem elas quiserem.

A internet dirigida pelo usuário não só permite como estimula a invenção de falsa identidade. No entanto, ninguém questiona por que tantos de nós estão determinados a esconder quem são ou qual é sua filiação. O problema para aqueles de nós que desejam saber mais sobre as pessoas com quem estão se comunicando é que, como diz o crítico de mídia Jack Shafer em Slate.com, “simplesmente há lugares demais onde se esconder agora”. (KENN, 2009, p.78)

É visível que a a ideia de privacidade mudou bastante nas gerações mais recentes e isso gerou uma mudança social sobre tudo que cerca o indivíduo social. Através desses novos mecanismos digitais pudemos falar, opinar e nos mostrar mas, diferente do que se esperava, essa conectividade não veio atrelada a uma maior interatividade.

A observação da “tecnosocialidade” mostra que os recurso de comunicação sem fio não são apenas ferramentas, mas, sim, “contextos, condições ambientais que tornam possíveis novas maneiras de ser, novas cadeias de valores e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais”. (CASTELLS et al 2007 *apud* CANCLINI, 2008, p. 53)

O que vai acontecer com essa nossa obsessão pela auto exposição é uma pergunta constante, bem como o que será dos profissionais que tentam resistir frente a todo amadorismo presente na web. Como acontece com toda nova tecnologia, precisamos colocar em prática uma reflexão sistemática sobre essas questões para compreendermos melhor as transformações vividas nas últimas décadas, visto que, na era digital, as mudanças já se transportaram da tela do nosso computador e alteraram nossas vidas no mundo real, deslocando diversas concepções antes estabelecidas nas relações entre o público e o privado.

2.2 A UNIÃO FAZ A FORÇA

Nós somos seres sociais e, como tais, dependemos de esforços grupais para a sobrevivência da nossa espécie. Além de dar as ferramentas, a motivação e as oportunidades que um indivíduo precisava para ter sua voz ouvida, a internet e as redes sociais fizeram algo muito maior: possibilitaram uma queda gigantesca no custo para participar de grupos.

Shirky (2012) compara a importância dessa nova ferramenta criadora de grupos sociais com a importância da colmeia para a vida das abelhas. De acordo com o escritor, a colmeia é uma peça de comunicação para as abelhas e é uma das coisas que torna a colônia viável, da mesma forma que a internet viabiliza a formação de inúmeros e diversificados grupos sociais.

Hoje temos ferramentas de comunicação flexíveis o suficiente para corresponder a nossas capacidades sociais, e estamos testemunhando a ascensão de novas maneiras de coordenar a ação que tiram partido dessa mudança. [...] estamos vivendo em meio a um extraordinário aumento de nossa capacidade de compartilhar, de cooperar uns com os outros e de empreender ações coletivas, tudo isso fora da estrutura de instituições e organizações tradicionais. (SHIRKY, 2012, p. 23)

Essa capacidade de cooperar uns com os outros pode parecer um avanço ótimo para uma sociedade cada vez mais individualista como a nossa, mas em algumas situações pode ter consequências questionáveis, como é o caso do *stolen sidekick*⁵ que ganhou notoriedade no meio da década passada nos Estados Unidos.

2.2.1 Hierarquização do acesso e o poder de influenciar

No dia 31 de maio de 2006 Ivanna esqueceu seu celular no banco de um táxi na Cidade de Nova Iorque. Ivanna entrou em contato com as empresas de táxi, mas seu celular, onde ela guardava quase todas as informações do seu casamento, nunca foi devolvido, foi então que ela pediu a um amigo que trabalhava com programação, Evan Guttman, que enviasse um e-mail para o telefone oferecendo uma recompensa pela devolução.

Depois de uns dias sem resposta, Ivanna comprou um celular do mesmo modelo e conseguiu as informações de seu antigo aparelho de volta com a companhia telefônica. Junto com suas informações, também vieram e-mails, fotos e tudo o que a nova dona do aparelho estava fazendo com o aparelho, dessa forma Ivanna e Evan descobriram que uma garota de 16 anos do Queens estava com o telefone e tinha recebido e deletado todas tentativas de contato deles.

Com as informações conseguidas, Evan, entrou em contato com Sasha por mensagens instantâneas para conseguir o telefone de sua amiga de volta, mas tudo o que ele conseguiu foi xingamentos, comentários racistas e ameaças. Evan ameaçou de volta, e disse que se não recebesse o telefone iria colocar toda a história, com as fotos do telefone e as mensagens de ameaça on-line.

No dia 6 de junho ele cumpriu sua promessa e postou a história e os contatos de Sasha em seu site pessoal, divulgou o link em alguns fóruns dos quais participava e enviou por e-mail para alguns amigos. No dia seguinte a página já tinha recebido milhares de visitas, incluindo um policial de Nova Iorque que o instruiu a dar queixa. O irmão de Sasha contactou Evan dizendo que a irmã tinha comprado o celular de um taxista e que não devolveria e,

⁵ Disponível em: <<http://www.evanwashere.com/stolensidekick/>> Acesso em: 02/04/2016

também, que ele era policial militar, e o ameaçou para que tirasse o site do ar. Evan então postou essa novidade no site e recebeu ainda mais e-mails, incluindo pessoas que acharam o perfil do irmão de Sasha no *My Space*.

Em poucos dias a história já tinha estourado: a página recebia milhões de visitas, Evan milhares de e-mails e contatos de jornais e programas de TV e Sasha e sua família mais um monte de e-mails exigindo que devolvessem o telefone. Depois de alguns dias, em que a história não parou de crescer, Ivanna e Evan foram à polícia dar a queixa de um item roubado, contudo, tudo o que conseguiram foram fazer o boletim de um item perdido, e isso queria dizer que a polícia não podia fazer nada para recuperá-lo; mesmo que a pessoa com o aparelho já tivesse sido descoberta. Evan continuava alimentando o site com todo o andamento do caso e recebia ajuda das milhares de pessoas que estavam acompanhado a saga, que dessa vez começaram uma campanha para a polícia de Nova Iorque a “fazer o que era certo”.

A polícia entrou em contato com Ivanna para obter todas as informações que tinham conseguido e, alguns dias depois conseguiram deter a jovem e ter o telefone de volta.

Evan tinha todas as ferramentas necessárias: um público que cresceu mais do que ele esperava, a motivação em fazer a coisa certa e os canais para chamar atenção. Apesar do trabalho que teve, ele provavelmente não teria sucesso se não fosse pelas pessoas que acompanhavam o caso.

Hoje temos ferramentas de comunicação flexíveis o suficiente para corresponder a nossas capacidades sociais, e estamos testemunhando a ascensão de novas maneiras de coordenar a ação que tiram partido dessa mudança. [...] estamos vivendo em meio a um extraordinário aumento de nossa capacidade de compartilhar, de cooperar uns com os outros e de empreender ações coletivas, tudo isso fora da estrutura de instituições e organizações tradicionais. (SHIRKY, 2012, p. 23)

Contudo, o mais importante dessa receita para o sucesso do caso foi o compartilhamento da motivação de Evan com o público que o acompanhava. Evan era um homem com boas condições financeiras e, tanto ele quanto Ivanna poderiam arcar com outro telefone celular, mas a relutância de Sasha e sua família em devolver o aparelho, mesmo sabendo de quem era, foi o combustível para ele persistir na busca e o público, cansado de viver em um mundo onde o vilão se dá bem, queria ver a justiça sendo feita custe o que custar. Ambos tinham o sentimento de ver a coisa certa acontecendo.

Todos os grupos têm um componente emocional – emoções, de fato, mantêm grupos unidos. A participação em grupos apresenta ao indivíduo tamanho grau de

dificuldades e oportunidades que, sem um comprometimento emocional, muitos grupos seriam desfeitos à aparição do primeiro problema. [...] Assim, os grupos precisam equilibrar a efetividade enquanto grupo com a satisfação enquanto indivíduos [...] (SHIRKY, 2011, p. 146)

Para Ivanna e Evan o caso foi um sucesso. Para Sasha e sua família foi um desastre. Para a sociedade não era tão simples (SHIRKY 2012). Indiferente à causa, a batalha foi travada por um homem branco, sem problemas financeiros e com um trabalho que não o ocupa tanto a ponto de ele não poder dedicar muitas horas a recuperação de um telefone e que tinha milhares de pessoas do seu lado contra uma mãe solteira de 16 anos. O resultado para a jovem não foi apenas a perda do telefone, mas também uma enxurrada de mensagens no site de Evan e em seu e-mail pessoal depreciando Sasha, sua família e amigos, mães adolescentes e porto-riquenhos.

É importante ressaltar que, apesar da união dos usuários ser uma atividade de extrema importância para o sucesso da missão, ela é motivada por impulsos individualistas de cada usuário.

O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é antes que indivíduos montem suas redes, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos. [...] As redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização. Além disso, o que observamos em nossas comunidades é o desenvolvimento de uma comunidade híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede. (CASTELLS, 2003, p. 109)

No caso do celular roubado tanto Evan quanto os seguidores do seu site estavam lutando não para que Ivanna conseguisse seu celular de volta, ela já até tinha comprado outro e conseguido suas anotações sobre o casamento de volta, mas sim para que uma infração social fosse corrigida, nesse caso a devolução de algo que não era seu.

Como foi dito no tópico anterior, a internet deu voz para todas as pessoas que podiam acessá-la. Mas uma outra questão se faz mais importante: todas as pessoas que podem acessá-la possuem as mesmas ferramentas?

O exemplo usado nesse tópico mostra que não. Evan tinha vantagens e privilégios sociais que Sasha e sua família, por fizeram parte de grupos marginalizados pela sociedade, desconheciam, e com elas conseguiu até fazer com que a polícia de Nova Iorque repensasse suas prioridades e fossem atrás de um celular perdido. Sasha, apesar de ter feito algo errado sob

os olhos da sociedade, podemos concordar, recebeu uma punição que não correspondia ao seu crime, incluindo invasão de privacidade e insultos raciais e xenofóbicos.

É interessante pensar sobre o tipo de relação formada por esses grupos com objetivos em comum. Castells (2003) diz que, para entendermos esses novos grupos, primeiro devemos mudar a forma que definimos comunidade, tirando um pouco do conceito cultural e mais ênfase no apoio a indivíduos.

As comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseavam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade. [...] Assim, o padrão de sociabilidade evoluiu rumo a um cerne de sociabilidade construído em torno da família nuclear em casa, a partir de onde redes de laços seletivos são formados segundo os interesses e valores de cada membro da família. (CASTELLS, 2003, p. 106-107)

O paradoxo da internet está formado: uma rede com usuários individualistas atrás de redes sociais para formarem grupos uns com os outros. Um novo padrão de sociabilidade vem sendo construído, uma sociedade de rede em que os indivíduos partilham objetivos e motivações em comum e usam uns aos outros para conseguirem se satisfazer. O mundo na internet está representando virtualmente a complexidade e contradição que nossa sociedade sempre teve; nunca tivemos tantas oportunidades para encontrar alguém, mas nunca estivemos tão sozinhos, nunca tivemos tantas opções de lazer e nunca estivemos tão entediados, nunca tivemos tanto acesso à informação, mas nunca fomos tão relutantes com opiniões diferentes das nossas.

Estamos começando a perceber as consequências de se viver numa aldeia global onde todo mundo parece se importar com o próximo, mas suas ações são movidas puramente por motivações individualistas. Quanto maior for o número de pessoas de uma aldeia envolvidas em uma tarefa, maiores serão as chances de obter sucesso. Se a tarefa for o resgate de um celular perdido, a união de pessoas em prol disso pode ser considerada uma coisa boa (ou no máximo uma perda de tempo), mas se o objetivo for atacar outra pessoa, o jogo muda de figura. A responsabilidade de julgar, sentenciar e punir deixa de ser uma tarefa dos governantes nas terras digitais e passa para a mão da população que não muitas vezes não sabe como o fazer; e em um mundo cheio de vieses sobre classe social, gênero, raça e sexualidade, como o nosso, essa tarefa pode acabar resultando em uma piora dos problemas e na criação de novos.

3 SHAME ON YOU: A SOCIEDADE DO PATRULHAMENTO E A CORREÇÃO COMPORTAMENTAL

Abordamos previamente aspectos relacionados ao fato de os seres humanos dependerem de relações sociais para sobreviver e de como a internet permitiu que fizéssemos essas relações de maneira muito mais ampla, fácil e barata que antigamente. Trataremos agora de como essa facilidade nos transformou em uma sociedade do patrulhamento on-line.

Em uma pesquisa de campo, Christopher Boehm, antropólogo americano especializado no estudo dos primatas, selecionou 53 sociedades de caçadores-coletores; povos nômades que vivem principalmente da pesca, da caça e da coleta frutas de silvestres, que mais se aproximavam, social e ambientalmente, dos seres humanos da pleistoceno superior, época compreendida entre 126 mil e 11 mil e 500 anos atrás aproximadamente. Ele observou comportamentos que vão contra normas sociais do grupo e como eles eram compreendidos.

Roubo e assassinato eram condenados em todas as sociedades, e “falha em dividir” era considerada uma violação normativa em 43 das 53 sociedades estudadas, o mesmo número condenava “espancar alguém”. “Bullying” era mal visto em 34 sociedades. Na maioria delas, a resposta comum à essas transgressões era distanciar, evitar, ridicularizar, envergonhar e fazer fofoca sobre o transgressor. Em 20 das sociedades ocorriam exclusão do grupo, e em 34 delas o assassinato do culpado pelo grupo era praticado. (Bowles & Gintis, 2011, p. 107-108, tradução nossa)⁶

O pesquisador chegou à conclusão que tais sociedades sabiam identificar esses transgressores e suprimir os comportamentos indesejados; se não conseguiam intimidá-los, usando ameaças de isolamento ou envergonhando-os o suficiente para controlá-los, livravam-se deles.

É importante perceber que normas sociais variam muito de um grupo de pessoas para outro, e isso quer dizer que a vergonha que acompanha a violação dessas normas também varia. Algo simples como bater palmas pode ser quase uma obrigação em determinados países e uma terrível ofensa em outros. Quando as regras sociais vão mudando, a vergonha que a acompanha muda também. Ser mãe solteira, por exemplo na nossa sociedade era algo

⁶ Stealing and murder were condemned in all of the societies, and “failure to share” was considered a violation of a norm in 43 of the 53 societies studied, the same number that condemned “beating someone.” “Bullying” was frowned on in 34 of the societies. In most societies, the common response to these transgressions was distancing, shunning, ridicule, shaming and gossip. In 20 of the societies expulsion from the group occurred, and in a striking 34 of the populations, assassination of the culprit by the entire group was practiced. (Bowles & Gintis, 2011, p. 107-108)

abominável algumas décadas atrás, mas, com o passar do tempo, e o fato de acontecer cada vez mais, a humilhação causada pela situação começou a diminuir. “O fato de a vergonha estar tão ligada à norma também significa que não devemos culpar a vergonha - a emoção ou o ato de envergonhar - para fazer-nos sentir desconfortáveis se o que nós realmente não concordamos é com a norma que a vergonha tenta reforçar.” (JACQUET, 2015, p. 81 – tradução nossa)⁷.

3.1 ESTEREÓTIPOS E DISCRIMINAÇÃO: POSIÇÃO DE PODER GERA MAUS COMPORTAMENTOS

A psicologia social, estudo científico da influência recíproca entre as pessoas e do processo cognitivo gerado por essa interação, diz que normas sociais são o conjunto de crenças de uma comunidade sobre os comportamentos tidos como corretos, aceitáveis e liberados (Assmar, Jablosnki e Rodrigues 2007). São aspectos aprendidos em todos os ambientes sociais dos quais fazemos parte, família, escola, instituições religiosas, mídia etc., e passados de geração para geração. Dessa maneira, para que preconceitos nasçam dessas regras, basta que a sociedade julgue determinados grupos por seus comportamentos, já naturalizados como negativos.

Vamos adquirindo certos preconceitos ao mesmo tempo em que aprendemos atitudes e comportamentos compartilhados pelas pessoas que vivem com a gente. A partir do momento que um indivíduo percebe as relações de desigualdadees entre grupos, sexos etc., passa a considerá-las naturais.

Na conformidade, cedemos à pressão social para sermos aceitos, não sofreremos punições ou por realmente acreditarmos na veracidade das teses disseminadas no meio cultural em que vivemos. Em consequência, se atitudes preconceituosas fazem parte, implícita ou explicitamente das regras do jogo social, tenderemos a corroborá-las em nosso dia-a-dia. (ASSMAR; JABLOSNIKI E RODRIGUES, 2007, p. 158)

À medida em que vamos categorizando as pessoas, criamos estereótipos negativos sobre elas; isso é a base da categorização social, um processo cognitivo que, basicamente serve para nos poupar tempo simplificando a realidade: juntamos objetos, pessoas, acontecimentos e ideias em grupos nos quais os membros tendem a ser percebidos como iguais.

⁷ “The fact that shame is so bound to the norm also means we should not blame shame [...] for making us uncomfortable if what we actually disagree with the norm that shame is attempting to enforce”⁷ (JACQUET, 2015, p. 81).

Entretando, as consequências dessa categorização vão muito além de sistematizar o mundo social; ela também vai resultar num sistema de orientação pessoal, criando e definindo o lugar de cada um de nós na sociedade.

A mera percepção de pertencer a um entre dois grupos distintos – isto é, a categorização *per se* – é suficiente para deflagrar discriminações intergrupais, a partir do favorecimento do próprio grupo. Em outras palavras, a mera consciência da existência de um outro grupo é suficiente para provocar respostas competitivas ou discriminatórias por parte dos membros do próprio grupo. (TAJFEL E TURNER *apud* ASSMAR; JABLOSKI E RODRIGUES, 2007, p. 159)

“Se o estereótipo é a sua base cognitiva, os sentimentos negativos em relação a um grupo constituiriam o componente afetivo do preconceito; as ações, o componente comportamental” (Assmar, Jabloski e Rodrigues 2007 p.150). Dessa forma, as características negativas que atribuímos mentalmente a um grupo de pessoas é entendida como preconceito e as ações que temos contra o grupo é a discriminação em si.

Para que um grupo de pessoas consiga envergonhar outra, esta precisa estar numa posição inferior ao grupo; mas engana-se quem pensa que apenas minorias correm perigo de sofrer preconceito. Ele é uma via de mão dupla, fluindo tanto do opressor para o oprimido quanto do oprimido para o opressor e acontece mais facilmente do que se imagina.

Tomemos como exemplo o experimento de Jane Elliott⁸ para entender a simplicidade do surgimento de estereótipos e discriminação. Em 1968, Jane dava aulas para crianças numa escola em uma cidade majoritariamente branca e não sabia como explicar para seus alunos a morte de Martin Luther King. Ela, então, decidiu fazê-los sentir como é ser tratado como um grupo marginalizado pela sociedade. Seus 30 alunos foram divididos pela cor dos olhos, de um lado, quem tinham olhos azuis e, do outro, quem tinha olhos castanhos. No primeiro dia, Elliot disse à classe que os do grupo com olhos azuis eram mais espertos, bonitos, limpos e melhores do que os do outro grupo. Eles foram elogiados, privilegiados e, quem tinha olhos castanhos deveria usar um colar e tinha seus comportamentos duramente criticados e ridicularizados. No outro dia os papéis se inverteram, a professora disse que tinha cometido um engano e que os melhores eram os que tinham olhos castanhos.

Nos dois dias as crianças “inferiores” se comportaram como pessoas que realmente se sentiam inferiores, obtendo fracos resultados nos exercícios, enquanto os alunos que foram

⁸ Disponível em <http://www.novacidadania.pt/content/view/421/67/lang,pt_PT/> Acesso em: 25/06/2016

considerados superiores criavam certa arrogância em relação ao outro grupo. É importante dizer que em nenhum momento Jane disse para as crianças se tratarem de maneira diferentes, só precisou afirmar que não estavam em posições sociais de igualdade e todo o preconceito aconteceu.

Como Assmar, Jablosnki e Rodrigues colocam é possível classificar as causas do preconceito em quatro grandes categorias: “(a) competição e conflitos políticos e econômicos, (b) o papel do ‘bode expiatório’, (c) fatores de personalidade, e (d) causas sociais do preconceito: aprendizagem social conformidade e categorização social” (2007, p. 153).

Qualquer tipo de competição (como pelo lugar no topo da pirâmide social) conduz facilmente à formação de estereótipos e preconceitos, assim, a discriminação sempre acaba caindo contra pessoas de grupos que demonstram uma certa falta de poder. Por exemplo, na Alemanha pós primeira guerra mundial, quando os judeus foram responsabilizados pela crise econômica e criou-se a crença de que os eliminando, os problemas se resolveriam.

Dessa categorização surge a ideia de que cada indivíduo tem seu lugar na sociedade, é uma pirâmide social e nem todos nós podemos ficar no topo, e para garantir que a base dessa pirâmide continue sustentando todo o restante são criadas algumas regras para manter cada um na sua posição social.

3.2 NORMAS MORAIS DE COMPORTAMENTO

A maneira como essas normas morais de comportamentos, que usamos para classificar as pessoas e julgar os grupos, surgem é difícil de se comprovar, mas se prestarmos atenção fica claro que elas são reforçadas pelo comportamento da maioria, que é um grande indicador de como se deve agir. Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos (SUSTEIN 2008) foi observado que ao colocar placas pedindo aos visitantes de um parque natural que não levassem coisas da reserva florestal o roubo aumentou. Isso ocorreu por que os visitantes passaram a ver o “roubo” como uma prática comum.

Uma boa maneira de conseguir que essas normas morais sejam cumpridas é garantir que as pessoas estejam sendo observadas e que saibam disso, só que essa é uma ação que vai perdendo seu poder com o tempo. O que deixa as pessoas com medo de serem vigiadas são as punições que podem ocorrer caso elas quebrem a norma, mas se essas punições nunca acontecem a audiência perde sua força e talvez a regra social perca também. Contudo, se a punição ocorre, a norma social é altamente reforçada, mas punir custa dinheiro e é aí que entra a vergonha, como uma saída mais barata e menos trabalhosa à punição física.

Além de ameaças e leis, o dinheiro também é uma ferramenta comumente usada para mudar comportamentos, mas pesquisas mostram que colocar um preço em uma norma social pode ter o efeito contrário, da mesma forma que aconteceu no caso das placas com regras em parques nacionais.

“Gneezy e Rustichini descreveram a tradicional teoria da repressão da seguinte forma: “quando consequências negativas forem impostas a um comportamento, produzirão uma redução daquela resposta particular. Quando tais consequências negativas forem removidas, o comportamento que foi interrompido tenderá, normalmente, a reaparecer”. A teoria é simples objetiva e razoável, mas, como os pesquisadores perceberam, carecia de muitos testes, Eles se mobilizaram para corrigir isso em 1998, trabalhando com creches na cidade israelense de Haifa, como experiência.

[...]

As dez creches pesquisadas funcionavam até às quatro da tarde, embora não houvesse nenhuma punição para que os pais pegassem seus filhos depois disso. Gneezy e Rustichini observaram o horário de fechamento dessas creches para saber com que frequência os pais se atrasavam; em uma semana normal, havia sete ou oito atrasos em cada creche. Então eles instituíram penalidades em seis dos dez lugares: anunciaram que dali em diante os pais seriam multados por pegar seus filhos com atrasos de mais de dez minutos, e a multa seria automaticamente acrescida a mensalidade. (As outras creches, o grupo de controle, continuaram a funcionar sem alterações, de modo a assegurar que quaisquer efeitos observados nas seis selecionadas seriam devidos à multa.)” (SHIRKY, 2011, p. 119-120)

O resultado veio rápido. O número médio de atrasos aumentou para 11, 14 e 17 nas três primeiras semanas, e no final do mês chegaram a média de 20 atrasos por semana, quase que o triplo do que acontecia antes da multa. Nas outras creches o número não se alterou. “Do ponto de vista da teoria da repressão, o resultado era perverso” (SHIRKY, 2011, p.120), a multa de dez shekels (aproximadamente três dólares) deveria ter feito o atraso ficar um pouco pior e mesmo que fosse um valor pequeno demais não deveria ter feito o número de atrasos subir, mas foi isso que aconteceu.

Antes de colocarem um valor no tempo livre dos funcionários das creches, os pais se atrasavam menos por causa de uma regra não dita – eles evitavam chegar atrasados pois os funcionários não estavam mais em horário de serviço – mas ao colocar um preço nesse tempo extra em que eles ficavam com seus filhos, os pais passavam a ver tempo dos funcionários como mercadoria. Depois de três meses, quando tiraram a multa, o número de atrasos se manteve o mesmo pois a percepção dos pais sobre os funcionários já havia sido alterada.

Mas e se usássemos dinheiro para influenciar bons comportamentos ao invés de desencorajar os ruins? Os resultados não seriam muito diferentes; uma outra pesquisa, realizada pela Harvard Business Review revelou que dar bônus em dinheiro no trabalho, por exemplo, pode até ser prejudicial ao trabalho dos funcionários e não incetiva-los a fazer um trabalho

melhor como era o objetivo⁹. O problema de se misturar dinheiro para mudar comportamentos é que transforma nossa sociedade em uma sociedade mercantil onde damos valores monetários para coisas que deveriam não ter preço.

Sendo assim, a ameaça de pegar alguém fazendo algo “errado”, e punir o indivíduo como exemplo para outros, se torna a melhor ferramenta para criar regras de comportamento e fazer com que eles sejam seguidos, e por ser algo que vai se propagando, a vergonha, pode ser usada em grupos e mudar – ou manter - comportamentos de forma ainda mais rápida (JACQUET, 2015, p. 97).

Em uma sociedade fundamentalmente religiosa como a nossa existem alguns padrões de comportamento que foram sendo naturalizados durante o passar do tempo: as mulheres devem ficar em casa, a homossexualidade deve ser reprimida, o aborto é um crime contra a vida, etc. Qualquer ação que, por menor que seja, transgrida de alguma forma essa “regras” é condenada com olhares de reprovação e exclusão, punindo seu praticante. Mas agora nós estamos passando por um período em que essas construções sociais estão sofrendo ataques de grupos grandes, os movimentos LGBTTI, o Feminismo e movimentos de igualdade racial estão se tornando duros oponentes para o conservadorismo construído há séculos por grupos sociais com mais poderes, e podemos agradecer em grande parte à mídia, em especial a internet, por espalhar informações referentes à essas causas, mas também podemos culpa-la por passar tanto tempo perpetuando os estereótipos que hoje vemos como características naturais.

Nas novelas, programas de maior audiência da TV brasileira, negros sempre apareceram em papéis secundários e basicamente como serviçais ou bandidos. [...] As mulheres também não tem melhor sorte: mesmo uma análise superficial dos comerciais de televisão indica que elas são basicamente retratadas como donas de casa, objetos sexuais, ou como pessoas passivas, dependentes e sequiosas da aprovação de seus maridos. [...]

Evidentemente, mídias/artes também atuam no sentido de propagar comportamentos pró-sociais. As próprias novelas, supracitadas, contribuem para a divulgação de papéis de gênero mais equilibrados, ao levar para o interior imagens típicas da realidade moderna das grandes cidades, onde há uma divisão menos rígida e tradicional entre as funções desempenhadas por homens e mulheres. (ASSMAR; JABLOSKI E RODRIGUES, 2007, p. 159)

Contudo a mídia não ajuda apenas a formar nosso conceito acerca de pessoas e coisas, ela também muda nosso entendimento de diversas outras formas. Quando o comediante brasileiro Rafinha Bastos disse no programa *Custe o Que Custar*, ao vivo em rede nacional, que

⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/10/bonus-em-dinheiro-pode-prejudicar-moral-e-produtividade-diz-pesquisa.html>> Acesso em: 18/05/2016

“Comeria ela e o bebê” [sic]¹⁰, se referindo à cantora Wanessa Camargo que estava grávida na época, a internet se dividiu entre defender e culpar o apresentador. No fim, Rafinha acabou sendo suspenso do programa e um tempo depois saiu da emissora. Wanessa e sua família processaram o comediante que foi sentenciado a indenizar a cantora em 150 mil reais.

Independentemente de ser boa ou não, Rafinha fez uma piada que envolvia, de certa forma, pedofilia; uma ação que causa repúdio em grande parte da nossa sociedade. Então, quando falar sobre algo tão sério e ilegal se tornou aceitável, ainda que a ação continue tão repudiada?

Maria Rita Kehl (2004) acredita que a TV trouxe consigo a violência do imaginário, que muda a forma como lidamos com o que nos é mostrado. Por exemplo, na década de 70 o filme *O Exorcista*, que contava a história de uma garota possuída por um demônio, causou uma reação intensa do público que foi ao cinema, como podemos conferir em vídeos disponíveis no YouTube¹¹, mesmo sem apelar para cenas fortes de mutilação, como fez o filme *A Morte do Demônio* quase 40 anos depois, também sobre possessões demoníacas e que não obteve a mesma reação do clássico de 1974.

Com o tempo, vamos tolerando cenas que nos aterrorizaram há dez anos, há 20 anos. Hoje assistimos tranquilamente a cenas que nos faziam sair da sala há alguns anos. E essa elevação no padrão de tolerância para o horror me preocupa muito. Você se acostuma com a violência [...] (BUCCI & KEHL, 2004, p. 135)

Assistir TV nos dá sensação de que não há nada o que fazer, pois o mundo parece ser exatamente da forma como é mostrado na telinha, por isso vemos as mais chocantes notícias e não ficamos surpresos com elas. A violência foi normalizada em nossos cérebros e, se é tão comum pensar nessas coisas, o ato também se torna comum.

Nos casos que nascem na web, ou ganham espaço nela, o público normalmente fica do lado considerado moralmente correto de acordo com os preceitos da nossa cultura e, diferentemente do caso do Rafinha Bastos, a divisão entre correto e errado é bem clara.

A TV já foi acusada de moldar o julgamento público e interferir diretamente em casos judiciais, agora a internet permite que o público sentencie os casos que ganham notoriedade nela. A diferença de um julgamento judicial para um julgamento on-line não fica

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6am8ox-rXIY>> Acesso em: 29/05/2016

¹¹ Disponível em: <<http://cinpop.com.br/o-exorcista-videos-mostram-a-intensa-reacao-do-publico-ao-filme-em-1973-96660>> Acesso em: 29/05/2016

apenas na questão de leis e provas, o julgamento on-line acaba em punições mais pesadas, como demissão, transtornos mentais e exclusão da sociedade, e que não condizem com o crime feito. A vergonha achou seu papel nos dias de hoje ao estabelecer e fazer cumprir essas normas sociais, da mesma forma que fazia no século XVIII, só que dessa vez, em uma sociedade que mutiplicou essa necessidade de fazer parte de um grupo do ser humano, a exclusão se tornou uma sentença bem mais pesada.

4 A WEB SE TORNOU A PRAÇA PÚBLICA DO SÉCULO XXI

O linchamento virtual, como ficou conhecido em português o termo *online shaming*, é uma forma de vigilância na internet que tem como objetivo humilhar publicamente seus alvos, usando as mídias sociais. Os defensores da prática acreditam que ela é um instrumento para garantir justiça e igualdade, especialmente quando alguém com certo poder diz algo “maldoso” sobre outra pessoa ou grupo. Os críticos já olham receosos para o linchamento virtual porque o praticante não tem controle algum das proporções que pode alcançar e em muitos casos os efeitos parecem ser bem desproporcionais aos motivos que o causaram.

Antes das redes sociais o efeito do linchamento virtual era menor; poderia acontecer em um fórum quando alguém dissesse algo impróprio ou uma transferência do mundo real para a web. Entretanto, o acesso à internet cresceu muito rápido e casos, que antes se restringiam a pequenos grupos, viralizaram e ganharam atenção de todo mundo que estava conectado pela *world wide web*.

A nossa pré-disposição natural em fazer partes de grupos aliada à possibilidade de união trazida pela internet e pelas redes sociais, resultou em um aumento de batalhas compradas por internautas com quem fizesse ou dissesse algo considerado moralmente inapropriado. A sociedade do patrulhamento voltou para a era digital, mas, como mostrou a saga do celular perdido, essa sociedade, apesar do direito de julgar, não é a melhor sentenciadora possível.

4.1 PACIENTE ZERO

Paciente Zero é a denominação dada ao paciente inicial de uma população sob investigação epidemiológica, o primeiro paciente de um surto. O termo foi usado pela primeira vez na pesquisa sobre a disseminação do vírus HIV nos Estados Unidos, como descreve o livro *And the Band Played On: Politics, People, and the AIDS Epidemic*, do jornalista Randy Shilts.

A norte-americana Monica Lewinsky se autotitulou a Paciente Zero do *online shaming* em uma conferência TED¹² realizada em maio de 2015. Vinte anos antes, em 1995, Monica começou a estagiar na Casa Branca, aos 22 anos de idade, ao lado do então presidente norte-americano Bill Clinton. Algum tempo depois, ela foi transferida para o Pentágono, onde se tornou amiga e confidente da funcionária pública Linda Tripp. Linda gravou mais de 20

¹² Organização sem fins lucrativos apartidária dedicada à difusão das idéias, geralmente sob a forma de palestras curtas e poderosas.

horas de conversas em que Monica confessava detalhes sobre seu caso com o Presidente dos Estados Unidos e em 1998 todas essas conversas se tornaram públicas quando Linda as entregou à polícia federal dos Estados Unidos.

Lewinsky foi chamada para autenticar todas as 20 horas de gravações clandestinas. Alguns dias depois o relatório Starr, do procurador independente Kenneth Starr, que investigou Clinton e principalmente sua relação com a estagiária na época, foi divulgado no congresso com a transcrição das 20 horas de conversas entre Monica e Linda. Algumas semanas depois parte das gravações foi veiculada na televisão e a maioria delas ficou disponível on-line.

Isso aconteceu no mesmo tempo em que a revolução digital atingiu seu ápice, e pela primeira vez um veículo tradicional foi usurpado pela internet com uma notícia global, como conta a vítima na conferência realizada em maio, uma das primeiras vezes em que ela voltou a falar do assunto em quase dez anos.

O significado disso para mim, pessoalmente, foi que, da noite para o dia, passei de uma figura completamente privada a uma publicamente humilhada, no mundo todo. Fui a "paciente zero" em perder sua reputação pessoal numa escala global, quase instantaneamente.¹³

Mais uma de uma década depois de Lewinsky, ser o “paciente zero” da humilhação pública na internet as redes sociais surgiram e casos como o dela se tornaram mais frequentes - um verdadeiro surto - do que se podia imaginar, e as consequências se tornaram, literalmente, questões de vida ou morte. Por exemplo, em 2010, doze anos depois do caso de Monica e com a internet popularizada e as redes sociais se iniciando, o colega de quarto do universitário norte-americano Tyler Clementi¹⁴ o filmou tendo relações íntimas com outro homem e disponibilizou por *streaming* no seu twitter, no dia seguinte Tyler pulou da ponte George Washington e morreu afogado.

4.2 A ECONOMIA DO LIKE

Tragédias como a de Tyler começavam a se tornar comuns nessa época de nascimento das redes sociais. “Nos primórdios do Twitter, não havia humilhações. Éramos Eva no Jardim do Éden. Conversávamos sem timidez” (RONSON, 2015, p. 98). Relações, antes inimagináveis devido à distância, começaram a se formar e as pessoas começaram a perceber

¹³ Disponível em: <https://www.ted.com/talks/monica_lewinsky_the_price_of_shame>. Acesso em: 29/02/ 2016.

¹⁴ Disponível em: <<http://tylerclementi.org/tylers-story/>> Acesso em: 05/05/2016

que não estavam sozinhas nesse mundo recentemente globalizado. Além disso, pela primeira vez, tínhamos um contato direto com grandes personalidades e organizações multinacionais; e dessa liberdade nasceu a necessidade de ter sua voz ouvida.

Ao mesmo tempo, as redes sociais se tornaram uma válvula de escape para aqueles que sofriam humilhações pessoalmente, como bullying por exemplo. Mesmo que na internet o bullying tenha encontrado formas de aumentar sua força de maneira exponencial, não deixando suas vítimas esquecerem do que que acontecia nem mesmo sozinhas em seu quarto, também permitiu que algumas pessoas encontrassem algum tipo de empatia.

Um dos casos mais famosos de *cyberbullying* aconteceu com a adolescente canadense Amanda Todd, que começou a usar a internet para fazer novas amizades quando estava na sétima série do ensino fundamental e certa vez cedeu a pedidos para mostrar os seios pela webcam. Um ano depois ela recebeu uma mensagem no Facebook da pessoa para quem ela mostrou os seios, que sabia o endereço dela, a escola que frequentava e outras informações, e ameaçou divulgar a foto caso não se exibisse novamente. Perto do Natal, a polícia bateu em sua porta por volta das 4h da manhã: sua foto tinha sido divulgada na internet.

Amanda teve depressão, ansiedade, síndrome do pânico e se envolveu com álcool e drogas. Ela mudou de escola e fez novos amigos e as coisas pareciam estar voltando ao normal, mas os problemas voltaram a acontecer: ela recebeu um pedido de amizade no Facebook de um perfil com sua foto íntima na capa. Mais uma vez ela perdeu todos seus amigos, foi vítima de bullying, começou a se cortar e teve que trocar de escola pela segunda vez, a situação parecia estar sob controle mas Amanda se envolveu com um garoto que tinha uma namorada e o terror começou mais uma vez. Quando a garota descobriu, foi ao novo colégio de Amanda atacá-la verbal e fisicamente. Ao chegar em casa, Amanda tentou suicídio bebendo alvejante. Depois de alguns dias no hospital, viu em seu perfil do Facebook várias mensagens desejando que ela tivesse morrido.

Ela mudou de cidade e de escola mais uma vez, mas o caso já tinha se espalhado na internet de tal forma que ela não conseguia escapar dele. Imagens de alvejantes eram postadas em suas redes sociais com frases como “ela deveria tentar outra marca” e “que pena que ela não conseguiu”, ela estava tomando antidepressivos e sob aconselhamento psicológico.

Amanda postou um vídeo¹⁵ no YouTube contando sua história. O vídeo teve boa recepção na internet e ela recebeu milhares de mensagens carinhosas dizendo que ela não estava sozinha e que tudo ia passar, mas o estrago já estava feito e uma semana depois amanda se suicidou.

No caso de Tyler, a internet foi usada para o expor, sua vida privada tinha se tornado pública sem a sua vontade e a vergonha que ele sentiu foi mais do que ele podia suportar. Para Amanda a internet foi tanto a causa de seus problemas quanto uma possível salvação, ela encontrou milhares de pessoas ao redor do mundo que simpatizavam com essa situação, mas o mundo real tinha sido tão duro com ela que a salvação veio tarde demais. Ambas as situações aconteceram quando as redes sociais ainda engatinhavam, hoje elas já correm.

Agoras as redes sociais estão muito mais diversificadas, modernas e capacitadas a atingir um número exorbitante de pessoas. “A ideia de novidade foi embora junto com a visão de que a rede, o ciberespaço, é algo desvinculado do mundo real; as ferramentas de mídia social não são mais uma alternativa para a vida real, se tornaram parte dela” (SHIRKY, 2011, p. 37).

Apesar de muitos exemplos do que a internet pode causar de negativo a nossa vida pessoal, cada vez mais seus usuários compartilham informações pessoais e confiam cegamente em quem está do outro lado da tela.

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever público, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las. (BAUMAN, 2001, p. 9-10)

Chegamos à era da exibição pessoal, o que antes era considerado doloroso hoje é um prazer que buscamos a todo momento. As redes sociais se tornaram uma vitrine para nos exibirmos, e nós fazemos isso alegremente: compartilhamos pensamentos, fotos e até mesmo os locais onde estamos em um exato momento. “Whether we like it or not, twenty-first-century life is increasingly being lived in public”¹⁶ (KEEN, 2002, p. 25).

Tudo na web – da sua infraestrutura à sua navegação ao seu estretenimento ao seu comércio à sua comunicação – está ficando social. [...] A web 3.0 de hoje, a internet do povo, é realmente a terceira onda da tecnologia da inovação, como a profunda

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vOHXGNx-E7E> Acesso em 14/07/2016

¹⁶ Gostemos ou não, a vida do século XXI está sendo cada vez mais vivida em público (KEEN, 2012, p. 25)

invenção do computador pessoal e a internet em si. (KEEN, 2012, p. 31 – tradução nossa)¹⁷.

Primeiro nós criamos uma ferramenta teoricamente perfeita, em seguida incentivamos que todo mundo a utilize, compartilhe todos os seus pensamentos e se mostre do jeito que são para o mundo. Depois nós os julgamos por isso.

4.3 LINCHAMENTO VIRTUAL

O novo modelo de linchamento público envolve a exposição de informações pessoais dos indivíduos alvo, que aparentemente violaram alguma norma social; mesmo que não tenha sido nada ilegal, com o intuito de punir e corrigir tal comportamento. Nessas circunstâncias, a empoderadora natureza da internet pode se tornar perigosa ao passo que testemunhamos várias formas de linchamentos virtuais em que os internautas têm o poder de invadir a privacidade dos indivíduos alvo em nome da liberdade de expressão.

Na maioria dos casos, esses linchamentos acontecem devido a alguma transgressão mínima, como uma piada mal interpretada sobre uma minoria social por exemplo. Como discutido nos capítulos 2 e 3, uma das principais razões para o surgimento desses grupos marginalizados e sua sobrevivência sob esse estigma é o poder da mídia ao fortalecer o estereótipo e o difundir-lo geração após geração. A mídia, principalmente a TV, por ter um alcance mais global, vem perpetuando ideais de comportamento e aparência desde a década de 60, as revistas e a publicidade por ainda mais tempo, e a sociedade vem assumindo essas ideias. Mas essa incorporação que o público faz seria a vida imitando a arte ou é a arte que está imitando a vida e devolvendo uma versão maior da própria realidade?

São constantes as ilusões de objetividade fabricadas pela televisão. Isto implica numa armadilha para o receptor: certo de defrontar-se com o real, este pode deixasse influenciado ainda mais pela mensagem, entregando-se sem rédeas aos processos de identificação e projeção. Nesse ponto, a tevê converte-se num veículo socialmente perigoso, pois tende a conformar o indivíduo com sua pseudoobjetividade (SODRÉ, 1972, p.62)

¹⁷ Everything on the Web – from its infrastructure to its navigation to its entertainment to its commerce to its communication – is going social. [...] Today's Web 3.0 revolution, the internet of people, is indeed the third wave of technological innovation, as profound as the invention of both personal computer and the Worldwide Web itself (KEEN, 2012, p. 31)

Colocando apenas mulheres brancas nas capas de revista, homens fortes como galãs do cinema, negros como serviçais, gays como imorais etc., as mídias fizeram com que a população considerasse essas situações como as normais, causando a criação de estereótipos negativos contra diversos setores da sociedade, marginalizando-os e criando um padrão que quem não segue está na contra-mão.

Ao mesmo tempo em que a mídia cria esses modelos, também se espalha a ideia de vergonha em quem não conseguir atingir tais padrões, ou seja, a grande maioria da população. Entretanto, o que na época da TV era um processo do meio de comunicação para um grande público, e a vergonha era mais subjetiva e internalizada, se tornou de um processo de um grande público contra uma pessoa sozinha, em que o grande público decide se você merece ser humilhado ou não por não estar no padrão.

Pessoas acima do peso, de regiões ou países pobres, com orientações sexuais diferentes da heterossexualidade etc são humilhadas por que não vivem o padrão branco, heterossexual, classe a normativo em nossa sociedade. Hoje as vítimas não são mais atacadas por olhares de reprovação ou por bullying escolas, são ridicularizadas, motivo de piada e até mesmo violência por onde quer que andem.

4.3.1 Doxing

A internet evoluiu muito durante os anos, mas existe algo imutável que nós comumente não consideramos: a possibilidade de ser anônimo. Na verdade, a anonimidade sempre foi uma das maiores vantagens da web, não importa o que você esteja fazendo pode manter seu nome verdadeiro em segredo, e de uma forma isso ajudou as pessoas a dizerem coisas que antes não tinham coragem. Qualquer usuário que já deu uma lida na sessão de comentários de portais de notícia ou de vídeos do YouTube já deve ter percebido que a anonimidade pode trazer o pior dos indivíduos e protegê-los sob um perfil sem foto, transformando o que deveria ser uma das melhores características do mundo virtual em uma poderosa arma.

Ao mesmo que tempo que a possibilidade de ser anônimo se tornou amplamente disponível, o mesmo aconteceu com a divulgação de informações pessoais on-line. E para atacar pessoas importantes, hackers começaram a procurar essas informações, como nome verdadeiro, números de telefone e fotos pessoais, e trazê-las ao público, uma prática conhecida como doxing:

Doxing normalmente não é ilegal, apesar de violar os termos de serviços de vários sites e resultar em uma expulsão. Sob algumas circunstâncias, dependendo da jurisdição, pode ser ilegal sob várias leis criminais contra perseguição, assédio, ameaças, etc. Também depende da informação revelada: enquanto revelar o verdadeiro nome de alguém pode não dar muito problema, revelar o endereço ou telefone pode se tornar um delito muito mais sério. (Tradução nossa).¹⁸

Doxing é um neologismo originado da palavra “docs” (abreviatura da palavra documento) e significa a liberação de informações ou posses particulares de uma pessoa na web.

Entre os casos mais famosos dessa práticas podemos destacar as várias celebridades que tiveram seus celulares e computadores invadidos por hackers e suas fotos pessoais divulgadas online, como a atriz Carolina Dieckmann que teve trinta e seis fotos íntimas roubadas de seu telefone e deu seu nome para uma lei brasileira que promoveu alterações no código penal brasileiro sobre delitos e crimes informáticos.

4.3.2 Revange Porn

A versão do *doxing* para pessoas não-famosas, a “pornografia de vingança” é divulgação de qualquer material sexualmente gráfico de uma pessoa sem a sua autorização. Se nos casos de *doxing* o intuito era mais a chantagem ou o bullying, aqui podemos dizer que é a humilhação e degradação pública. As vítimas da maioria esmagadora dos casos de pornografia de vingança são mulheres, pois a subordinação erotizada da mulher em relação ao homem nada mais é que uma forma de humilhação. As vítimas, além de humilhadas publicamente, podem ser intimidadas, perseguidas e assediadas; uma prática conhecida como *slut-shame*.

Em um relacionamento conturbado, a jovem Francielle dos Santos Pires¹⁹ permitiu que seu namorado gravasse os dois enquanto tinham relações sexuais. Quando a jovem terminou o namoro em outubro de 2013, ele enviou para amigos os vídeos íntimos do casal, nos quais somente Francielle era facilmente identificada, pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. O namorado de Fran, como ficou conhecida na internet, foi sentenciado

¹⁸ Doxing isn't usually illegal, though it does violate many sites' terms of service and may result in a ban. Under some circumstances, depending on your jurisdiction, it may be illegal under various criminal laws against stalking, harassment, threats, etc. It also depends on the specific information revealed: While outing someone's real name might not get you into much trouble, revealing their home address or phone number be a much more serious
Disponível em: <http://www.studyweb.com/doxing/>>. Acesso em: 29 jun. 2016

¹⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/10/suspeito-de-divulgar-video-de-sexo-faz-acordo-na-justica-em-goiania.html>>. Acesso em: 29 jun. 2016

a cinco meses de serviço comunitário, enquanto ela perdeu o emprego, se viu obrigada a deixar a faculdade e a mudar sua aparência para fugir da humilhação.

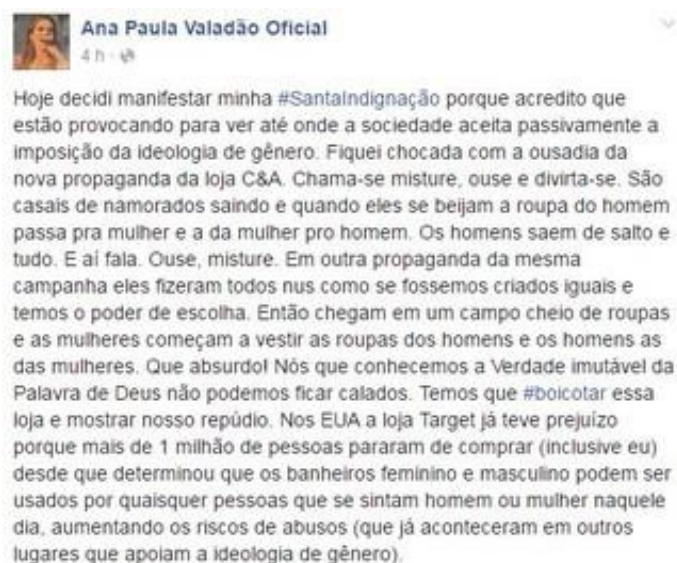
No Brasil, a divulgação de matérias com teor sexual sem o consentimento dos envolvidos pode ser interpretada como crime de difamação ou injúria, mas dependendo de particularidades do caso, como idade da vítima ou se ela havia tido relações com o responsável pelo vazamento, outras legislações podem ser aplicadas (BUZZI 2015).

4.3.3 Negative Reviews

Quando uma empresa toma uma atitude controversa, é comum que grupos que não concordam com ela comecem campanhas contra as marcas, é o que o Greepeace faz com diversas instituições que de alguma forma agredem o meio ambiente, por exemplo.

Mas nem toda agressão é tão séria como agredir o meio ambiente, nem toda reação é tão bem fundamentada como as do Greepeace. Em maio de 2016 a cantora gospel Ana Paula Valadão fez um post em seu perfil no Facebook, em que possui mais de 3,5 milhões de seguidores, demonstrando sua indignação contra a nova coleção da C&A, sem a distinção de gêneros, e seus comerciais, que mostravam homens usando roupas consideradas de mulher e vice-versa.

Figura 1 – Post de Ana Paula Valadão incitando boicote a marca C&A



Acesso em 31/05/2016

Fonte: <<https://www.facebook.com/anapaulavaladaodoficial/photos/a.111158718969076.25290.101580453260236/1056824397735832/?type=3&permPage=1>>

Como uma pessoa pública, Ana Paula tinha muitos seguidores nas redes sociais e tinha o poder de realmente influenciá-los a ponto de deixarem de comprar nessa loja; mas, ao mesmo tempo, defensores de uma nova ideologia de gênero ofereceram resistência ao ideal da cantora, elogiando a marca de roupas e criticando, às vezes severamente, a cantora gospel.

4.3.4 Government Shaming

A vergonha também pode ser usada para o bem público, como acontece quando governos utilizam para trazer atenção para problemas sociais e tentar corrigi-los.

Dirigir e usar o celular é ilegal em quase todos os estados norte-americanos, mas isso não impede a prática de ser bem comum entre os motoristas que ainda falam abertamente sobre isso, e para tentar resolver o problema o órgão responsável pela segurança nas rodovias dos Estados Unidos fez um perfil no twitter para “responder” os internautas que assumem o ato nas redes sociais.

Figura 3 – Exemplo de humilhação usada pelo Governo para alcançar um bem social



Acesso em 31/05/2016

Fonte: < <http://www.engadget.com/2016/04/22/the-government-is-shaming-people-for-texting-and-driving/>>²⁰

²⁰ “Eu mando mensagens e dirijo ao mesmo tempo demais” “Hum, concordamos @Domie_D23. Por favor perceba que você está colocando você mesmo e outras pessoas em perigo, e uma mensagem boba não vale a pena. #apenas dirija” (Tradução nossa)

5 DESTRUÇÃO EM MASSA

Provavelmente o caso mais famoso de linchamento virtual é o da norte-americana Justine Sacco. Enquanto ela viajava de Nova Iorque para a África do Sul no final de 2013, Justine tentava tuitar algumas piadas sobre o que estava acontecendo na sua viagem, mas antes de pegar o último avião no aeroporto de Londres, Justine fez o tuite que mudou sua vida de uma maneira que ela não imaginava.

Figura 3 – Tuite de Justine Sacco que causou o seu linchamento virtual²¹



Acesso em: 31/05/2016

Fonte: < http://www.huffingtonpost.com/jimmy-nguyen/speak-up-with-jimmy-lesso_b_4494586.html>

Faltava meia hora para o embarque e Justine vagou pelo aeroporto olhando de vez em quando seu celular. Ninguém tinha comentado o seu tuite, o que era normal já que ela tinha apenas 170 seguidores. Justine entrou no avião e dormiu pelas onze horas de voo até a Cidade do Cabo, quando o avião pousou e ela checkou o celular a primeira mensagem que viu foi de alguém com quem ela não desde o ensino médio: “Eu sinto muito em ver o que está acontecendo com você”²².

²¹ “Indo para a África. Espero não pegar AIDS. Brincadeira. Sou branca!” (Tradução nossa)

²² Disponível em: < http://www.nytimes.com/2015/02/15/magazine/how-one-stupid-tweet-ruined-justine-saccos-life.html?_r=0>. Acesso em: 29 jun. 2016

A segunda mensagem foi de sua melhor amiga Hanna, “Você precisa me ligar imediatamente”. Então seu celular explodiu com centenas de mensagens e alertas e Hanna ligou: “Você é o assunto número 1 do Twitter nesse momento”.

Um dos 170 seguidores de Justine tinha retuitado a fatídica declaração para um jornalista, que retuitou para seus 15 mil seguidores dando início a desgraça de Justine. Seu nome estava nos *trending topics* mundiais e fazia parte de diversos tipos de tuites, algumas pessoas preocupadas pela sua declaração, algumas desejando coisas horríveis e outras apenas querendo ver o circo pegar fogo, como:

“motivado pelo repulsivo tuíte de @JustineSacco, vou doar para a @care hoje”. E, “Como @JustineSacco conseguiu um emprego de RP?! O nível de sua ignorância racista se encaixa na Fox News. #aids pode afetar qualquer um!”. E, “Não a palavras para aquele puta tuíte horrível, nojento e racista de @JustineSacco. Estou mais que horrorizado.”. E, “Sou funcionário da IAC e não quero @JustineSacco fazendo mais nenhum comunicado em nosso nome de novo. Nunca mais.” E, “todos denunciem essa vagabunda da @JustineSacco.” [...] E, tudo o que eu quero de natal é ver a cara da @JustineSacco quando o avião dela aterissar e ela verifivar a caixa de entrada/correio de voz”. E ainda “Ai, cara @JustineSacco aterrissa em uns nove minutos, vai ser interessante” (RONSON, 2015, p. 78)

Durante suas onze horas de voo, a internet havia transformado a vida de Justine em seu programa preferido. A *hashtag* #HasJustineLandedYet (A Justine já pousou?) também se tornou uma das mais usadas naquele, um internauta descobriu o voo que ela estava e o twitter começou a acompanhar a viagem. Quando Justine chegou um usuário estava a sua espera para fotografar sua reação.

Em uma entrevista exclusiva para o jornalista Jon Ronson, Justine disse que o tuíte não passou de uma piada e que ela nunca pensou que seria interpretada tão ao pé da letra, “morar nos Estados Unidos nos coloca em uma espécie de bolha no que diz respeito ao que está acontecendo no Terceiro Mundo. Eu estava debochando dessa bolha”. (RONSON, 2015, p. 82)

A jovem, que trabalhava como relações públicas da empresa multimidiática IAC, que era dona de portais como Vimeo, OkCupid e Match.com, fez uma declaração pública se desculpando mas já era tarde demais. Os funcionários dos hotéis onde ela tinha reservas ameaçaram entrar em greve caso ela fizesse check-in, sua família, que apoiava o Congresso Nacional Africano disse à ela que sua atitude havia manchado toda a família, se já não bastasse, a empresa onde trabalhava foi coagida a demiti-la.

Chorei até minhas lágrimas acabarem nas primeiras 24 horas. Foi incrivelmente traumático. Você não dorme. Acorda no meio da noite e esquece onde está. De repente, não sabe o que deve fazer. Não tem horários. Não tem... – Ela fez uma pausa - ... propósito. Tenho trinta anos, tinha uma ótima carreira. Se não tiver um plano, se não começar a tomar providências para retomar minha vida e me lembrar de quem sou todos os dias, posso me perder. (RONSON, 2015, p. 89)

Uma simples piada destruiu a vida de uma pessoa. A era digital seduziu Justine como fez com todos nós, implorou para ela compartilhar seu pensamentos e mostrar e verdadeira Justine para o mundo. E ela o fez.

O público não gostou do que viu. Não conheciam Justine, a julgaram por 140 caracteres que ela colocou em uma rede social e decidiram que era sua obrigação “fazer a justiça”. O caso de Justine é um ótimo exemplo de que maiorias também podem ser vítimas de linchamentos virtuais: Justine, uma mulher branca, fez um compartilhamento que – sendo piada ou não – foi interpretado como preconceituoso e sofreu ataques tanto do grupo atingido mas também de diversas pessoas que consideravam o comentário uma violação. A questão que fica é seguinte: o que o grande público estava condenando, o racismo ou a prática racista?

5.1 POR QUE AS PESSOAS PARTICIPAM DE LINCHAMENTOS VIRTUAIS?

Em 2013 Edward Snowden, que trabalhava como técnico da NSA, a agência de segurança norte-americana, revelou documentos secretos que afirmavam o que todo mundo já desconfiava: estamos sendo observados na internet²³. Os governos não estão apenas nos observando, estão desenvolvendo políticas que ameaçam expor algumas de nossas violações, e consequentemente nos envergonhar para conseguir alguma mudança de comportamento. Mas agora, com o advento da internet, nós também temos o poder de expor o governo, e qualquer outra pessoa, à humilhação pública. Outra mudança foi a preocupação que leva cada um desses dois grupos, o governo e o público, a perder seu tempo expondo alguém on-line; nos dias de hoje Hester Prynne não precisaria temer que o governo a sentenciasse por um caso extraconjugal, mas deveria se preocupar com o seu marido postar fotos e vídeos íntimos seus em sites como o Is Anyone Up?, dedicado a vingança pornô.

Mann (2004) criou o conceito de *sousveillance* (o oposto de *surveillance* palavra em francês para vigilância e que quer “assistir de cima”) que significa “assistir de baixo”. Para

²³ Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/09/04/brasil-e-o-grande-alvo-dos-eua-diz-jornalista-que-ouve-documentos-de-snowden.http>>. Acesso em: 29 jun. 2016

entender melhor esse conceito, tomamos como exemplo o caso do assassinato de Mario Woods em que um vídeo²⁴ amador viralizou na web mostrando aproximadamente dez policiais atirarem pelo menos 19 vezes durante três segundos, à queima roupa, em Woods sem que ele demonstrasse perigo algum. Esse caso, e diversos outros casos que aconteceram nos Estados Unidos nos últimos anos, trouxeram um grande debate sobre a violência policial contra a comunidade negra, chegando até o palco do Superbolw com um show da Beyoncé. Graças a aparelhos cada vez mais modernos e internet acessível, as pessoas estão vigiando umas as outras, mas nem sempre por um motivo como o do exemplo acima. “new personal multimedia technologies, like mass-produced wearable cameraphones, can be used as tools [...] to explore ‘equivoillance’ by shifting this equilibrium between surveillance and sousveillance” (MANN, 2004, p. 621)²⁵.

Nessa sociedade pan-óptica moderna podemos relacionar a prática de linchar virtualmente alguém com a ideia de vigilância como controle social; da mesma forma como câmeras de segurança em locais públicos são um exemplo de monitoramento para impedir certos comportamentos, mas nos últimos anos as novas tecnologias que nos trouxeram a liberdade (e as ferramentas) para nos expressar permitiram uma forma de supervisão onde sua prática é multilateral, qualquer um é observado e também é um observador.

Gustavo Lebon acreditava que a formação de grupos levava os indivíduos a uma espécie de loucura coletiva. Sua ideia era que o ser humano perde totalmente o controle quando está em uma multidão, por isso participamos de revoltas ou atacamos alegremente Justine Sacco.

Apesar de diversas teorias misíginas e xenofóbicas, Lebon se tornou famoso com o livro *Psicologia das Multidões* em que afirma que o homem pode ser um indivíduo culto quando isolado mas desce vários degraus na escala da civilização ao se tornar parte de um grupo, podendo se tornar um bárbaro.

Toda metáfora que LeBon usou para descrever um indivíduo em uma multidão ressaltava a estupidez dele. Em uma multidão, somos “micróbios” infectando todos ao nosso redor, “um grão de areia entre outros grãos de areia, que o vento agita de acordo com a própria vontade”. Nós somos impulsivos, irritáveis, irracionais, “características que são quase sempre observadas em seres que pertencem a formas inferiores de evolução – mulheres, selvagens e crianças, por exemplo”. (RONSON, 2015, p. 107)

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ZfCjOJ8iGk>> Acesso em: 04/04/2016

²⁵ Novas tecnologias multimidiáticas pessoais, como telefones portáteis com cameras produzidos em grande escala, podem ser usadas como ferramentas [...] para explorar “equivalência” deslocando o equilíbrio entre a vigilância de cima para baixo por de baixo para cima (MANN, 2004, p. 621 – tradução nossa).

Mesmo com a quantidades de bobagens e preconceitos proferidos por LeBon sua obra se tornou um sucesso sendo traduzido para 26 idiomas e até hoje seus conceitos para comportamento coletivo são amplamente aceitos.

Um ensaio da psicologia que pode comprovar a teoria de Le Bon foi o controverso experimento de Zimbardo (RONSON 2015). Depois de reunir 24 candidatos do sexo masculino em 1969, Philip Zimbardo, professor de psicologia de Stanford, transformou um porão da universidade em uma prisão improvisada com celas e uma solitária. Zimbardo dividiu os rapazes em dois grupos, os guardas, que receberam cassetetes e óculos escuros, e os prisioneiros, que foram vestidos com roupões, presos pelo tornozelo por uma corrente e enviados para as celas.

O experimento foi abandonado seis dias depois pois tinha saído violentamente do controle: os guardas andam prepotentes pelo porão gritando coisas para os prisioneiros como ordens para eles transarem com o chão e os encarcerados gritavam de dor. Em menos de uma semana os valores humanos foram abandonados e os instintos mais animais tomaram conta daqueles jovens.

A tendência ao descontrole parece, então, estar inerente no ser humano, mas condenar o que não é socialmente aceitável parece ser o principal motivo que os leva a se engajarem em linchamentos virtuais, da mesma forma como era quando os linchamentos eram usados como punição legal, mas, diferentemente das sentenças humilhantes utilizadas pelos governantes no passado, agora a frequência dessas práticas, a rapidez com que acontecem, o tamanho do público que ela vai atingir e o tempo que ela vai durar é incerto. Apesar de tudo isso, a maior diferença é o número de pessoas que se engajam em punir o violador nessa situação; será que os milhares de engajados em colocar o nome de Justine Sacco no topo dos *trending topics* mundiais iriam às ruas por um protesto contra a desigualdade racial organizado e com apelo democrático ou precisavam de um bode expiatório para despertar neles essa indignação? Estavam eles preocupados com o racismo na nossa sociedade ou com a prática racista?

Diferentemente das pessoas envolvidas com vigilância real, de um bairro por exemplo, que estão preocupadas com a segurança; as pessoas envolvidas com vigilâncias virtuais estão mais preocupadas em reforçar normas sociais (CHUA *et al*, 2010). Por isso é preciso refletir sobre a motivação que leva as pessoas a se envolverem com práticas de

linchamento virtuais; elas o fazem por que acreditam que essa é uma forma eficaz de reforçar regras ou estão apenas seguindo o fluxo e se divertindo com a movimentação na web?

Ainda existem poucos estudos e pesquisas sobre linchamentos virtuais; talvez por ser um fenômeno recente ou por ser facilmente confundido com outras interações virtuais como o *cyberbullying*. Vries (2015) conduziu um estudo acreditando que a causa dos linchamentos virtuais partiria de uma diferença de perspectiva sobre privacidade da geração atual para as mais velhas, provavelmente relacionada a difusão das tecnologias sociais. Em seu estudo, Vries considerou linchamentos virtuais como o processo em que uma pessoa coloca algum material (fotos, textos, vídeo...) em uma rede social mostrando algum comportamento considerado controverso de acordo com normas sociais latentes. Como consequência da exposição desse comportamento, o material é compartilhado, criticado e julgado ao chegar ao grande público; causando vergonha em quem se comportou daquela maneira.

A pesquisadora norte-americana realizou um trabalho quantitativo sobre a visão de jovens sobre a questão pesquisada. Foram realizados seis grupos focais entre dezembro de 2013 e fevereiro de 2014 com 30 participantes (21 mulheres e nove homens), entre 18 e 25 anos de idade.

Uma das descobertas da pesquisa foi quanto à justificativa do linchamento: houve um consenso entre os grupos focais no sentido que linchamentos virtuais eram vistos como um dever do cidadão: “existia um elemento da culpa atribuída ao alvo da humilhação, deixado claro que o indivíduo escolhe se comportar dessa maneira (em público) ou fazer comentários públicos em redes sociais e deveriam por isso serem responsabilizados por suas ações” (VRIES, 2015, p. 2056 – tradução nossa)²⁶.

Outro ponto descoberto no estudo foi quanto à diferença entre o linchamento virtual e o *cyberbullying*. A pesquisadora concluiu que o *bullying* tem uma abordagem mais pessoal e maliciosa em relação ao linchamento, que está mais preocupado em mostrar que o indivíduo cometeu um erro e precisa mudar. Além disso o linchamento ataca ação, enquanto o *bullying* é mais focado em traços físicos ou da personalidade do indivíduo.

5.2 COMO OS USUÁRIOS SE COMPORTAM

²⁶ “there was an element of blame attributed to the target of shaming, stressing that the individual chooses to behave that way (in public) or make comments public on social media and should therefore be accountable for their actions” (VRIES, 2015, p. 2056).

A vergonha na internet não é o único problema, a falta dela também é preocupante. O comportamento on-line do público, principalmente no papel de observador, é algo que não achamos na vida real, o que fez com que essa característica ganhasse um nome próprio: *online disinhibition effect*.

This disinhibition can work in two seemingly opposing directions. Sometimes people share very personal things about themselves. They reveal secret emotions, fears, wishes. They show unusual acts of kindness and generosity, sometimes going out of their way to help others. We may call this benign disinhibition.

However, the disinhibition is not always so salutary. We witness rude language, harsh criticisms, anger, hatred, even threats. Or people visit the dark underworld of the Internet—places of pornography, crime, and violence—territory they would never explore in the real world. We may call this toxic disinhibition²⁷ (SULLER, 2004, p.1)

É por causa desse efeito que os maiores sites de conteúdo estão criando ferramentas para barrar interações de desinibição tóxica; o Portal G1 por exemplo exige, desde 2015, uma confirmação de cadastro pelo celular antes do usuário postar comentários nas páginas de notícias²⁸.

Na internet as pessoas têm a tendência a serem mais duras e dizer coisas que não diriam se estivessem cara a cara com o outro, mais uma consequência que surgiu graças ao distanciamento causado pela internet. No Twitter, os usuários não queriam que Justine fosse apenas demitida, mas que pegasse câncer, fosse estuprada e morresse.

Um dos motivos para isso é, obviamente, a liberdade de expressão sem (quase) nenhuma consequência, mas talvez exista outras explicações para toda essa crueldade. Estudos mostram²⁹ que quanto maior a distância física entre as pessoas menor é a probabilidade delas serem legais e preocupadas com o próximo.

Isso pode ser observado até mesmo antes da era digital. Em um experimento na década de 60, conhecido como Experiência de Milgran³⁰, descobriu-se que pessoas estavam

²⁶ Essa desinibição pode funcionar em duas direções opostas. Às vezes as pessoas compartilham coisas pessoais sobre si mesmas. Elas revelam emoções, medos, desejos secretos. Elas demonstram atos de bondade e generosidade incomuns, às vezes saindo de seu caminho para ajudar outra pessoa. Nós podemos chamar isso de desinibição benigna.

Entretanto, a desinibição não é sempre tão saudável. Nós testemunhamos linguagem rude, críticas duras, raiva, ódio, até ameaças. Ou as pessoas visitam o escuro submundo da internet – lugares de pornografia, crimes e violências – onde nunca explorariam no mundo real. Nós podemos chamar isso de desinibição tóxica. (SULLER, 2004, p. 1 – tradução nossa)

²⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/g1-tem-novas-regras-para-comentarios-de-leitores.html>> Acesso em 14/07/2016

²⁹ Disponível em: <<http://news.health.com/2012/08/02/troll-psychology-mean-internet/>> Acesso em 14/07/2016

³⁰ Disponível em: <<http://psicologiaexperimental.blogs.sapo.pt/2059.html>> Acesso em 14/07/2016

dispostas a aplicar choques em outras que eles não podiam ver mesmo ouvindo gritos de dor vindo delas. Os voluntários obedeciam a pedidos dos experimentadores (que nunca eram ordens) e continuavam a infligir choques cada vez maiores, mesmo ouvindo gritos agonizantes de dor e pessoas implorando acabar com aquilo, 65% deles chegaram até a intensidade máxima de 450v, o suficiente para matar uma pessoa, e todos chegaram a pelo menos 300v.

Por que seres humanos estão acostumados a se comunicar pessoalmente, nossos cérebros estão preparados para receber todo tipo de dicas não verbais como gestos, expressões faciais, tom de voz assim como o ritmo que as pessoas falam, explica o psicólogo Simon Rego[...]

“Quando você fica online de repente todas essas dicas desaparecem,” ele diz. “Você está desprovido de dicas, de padrões de fala, ritmo, tom e contexto e você é deixado com um monte de conjecturas.”

E quando seres humanos são deixados com conjecturas e ambiguidades, eles tendem a perceber as falas como ameaçadoras e reagem de acordo. Isso pode ter salvado sua vida em tempos pré-históricos mas na atualidade, pode significar uma série crescente de ataques no Twitter que terminam em algemas e uma temporada na cadeia. (Tradução nossa).³¹

Ronson (2015) afirma que os linchadores precisam desumanizar a vítima, exercê-la como alguém que não é digno de respeito, para feri-la de verdade usando uma linguagem vulgar e ameaças físicas: eu quero que tal pessoa pegue câncer e morra não porque sou uma pessoa ruim, mas porque ela merece isso, porque ela é uma pessoa ruim.

Na psicologia, isso é conhecido como dissonância cognitiva. É a teoria de que parece estressante e doloroso para nós ter duas ideias contraditórias ao mesmo tempo (como acreditar que somos pessoas boas e acabamos de destruir alguém). Assim, para aliviar a dor, criamos formas ilusórias de justificar nosso comportamento contraditório. É como quando eu fumava e torcia para que o vendedor me entregasse o maço que dizia “Fumar causa envelhecimento de pele” Eu não me importava com isso. (RONSON, 2015, p. 90-91)

Sempre que algo acontece nós procuramos saber a causa dele, principalmente se for algo negativo e inesperado. Para descobrir, analisamos as possíveis causas que levaram esse evento a acontecer: se são internas ou externas, estáveis ou instáveis e se são controláveis ou

³¹ Because humans are used to communicating in person, our brains are hard-wired to take in all manner of non-verbal cues such as gestures, facial expressions, tone and pitch of language as well as the pace at which people speak, explains Simon Rego, Psy.D. [...]

“When you move online, suddenly all those cues also removed,” he says. “You are stripped of the nonverbal cues, the patterns of speech, the rate, tone and context and you’re left with a lot of guesswork.”

And when humans are faced with guesswork and ambiguity, they often perceive it as threatening and react accordingly. This may have saved your life in prehistoric times but in modern times, it can mean an escalating series of jabs on Twitter ending in handcuffs and a stint in jail. Disponível em: <<http://news.health.com/2012/08/02/troll-psychology-mean-internet/>> Acesso em 14/07/2016

não, por nós ou por outra pessoa. Entretanto, nós fazemos atribuições desproporcionais quando observamos o nosso comportamento e o comportamento do outro.

A tendenciosidade ator/observador consiste na facilidade de fazermos atribuições internas em relação ao comportamento que observamos em outras pessoas e de fazer atribuições externas quando consideramos nosso próprio comportamento, principalmente quando esse é negativo. Quando nosso comportamento é elogiável, tendemos a fazer atribuições internas porque a isso nos leva à tendenciosidade autosservidora ou egotismo, como veremos a seguir. Um bom exemplo de tendenciosidade ator/observador em ação nos é dado pela facilidade com que responsabilizamos alguém por tropeçar em algo (como ele e desatento!) e a igual facilidade que temos de atribuir a fatores externos a responsabilidade por nossos próprios tropeços (que absurdo deixarem essas coisas no caminho!). (RODRIGUES, 2009, p. 75)

Atribuir causas as situações que acontecem conosco e com os outros é um fator singular em nossos relacionamentos e na maneira como formamos conceitos. A tendenciosidade do processo atribucional, como é chamado o processo descrito acima, pode explicar, aliada a ideia de que a distância também muda nossas relações, por que os usuários da internet tendem a ter um julgamento tão crítico em relação às outras pessoas.

Mesmo as pessoas que simpatizam com a situação e tentam de alguma forma defender a pessoa que está sendo atacada procuram se afastar o máximo possível do alvo, deixando claro que não compactuam com a “infração” cometida, ação tomada até mesmo por jornalistas; como nesse texto no site da revista americana Variety sobre o caso de Justine:

Mas, tão vil quanto o sentimento expresso por ela, existem algumas possíveis circunstâncias atenuantes aqui que não desculpam o seu comportamento, mas podem minimizar seu delito um pouco. Repugnante como sua piada era, há uma diferença entre tentativas de discurso do ódio e até mesmo a mais contra-indicada tentativa de humor. (Tradução nossa).³²

Bidle, o jornalista que pode ter dado início ao massacre contra Justine, entrou em contato com Ronson e, mesmo com o rumo que as coisas tomaram, não pareceu arrependido ou culpado pela situação, “Ok, vamos fazer com que um tuíte racista de uma funcionária sênior da IAC faça a diferença desta vez. E eu fiz. Faria de novo” (RONSON, 2015, p.87).

³² But as vile as the sentiment she expressed was, there are some potential extenuating circumstances here that don't excuse her behavior but might mitigate her misdeed somewhat. Repugnant as her joke was, there is a difference between outright hate speech and even the most ill-advised attempt at humor. Disponível em: <http://variety.com/2013/digital/news/justine-sacco-sympathy-for-this-twitter-devil-1200985980/> Acesso em 19/06/2016

Nesse caso o linchamento se justificava, na visão de Bidle, porque a vítima tinha sido racista e era sua obrigação como cidadão dar notoriedade a mais uma pessoa branca extrapolando seu privilégio, e graças as mídias sociais ele podia fazer isso e não precisava esperar que a justiça fosse feita por quem deveria; é o modo de viver na sociedade *sousveillance*. Bidle acreditava que Justine iria ficar bem no final, as pessoas iriam se preocupar com outra coisa, mas não foi o que aconteceu.

A pesquisa de Vries (2015) também discutiu as implicações sobre a privacidade dos indivíduos. Sobre filmar ações de desconhecidos em lugares públicos que quebram regras sociais e postar na internet, houve um grande consenso entre os participantes afirmando ser totalmente aceitável fazer isso, porque A prevalência de tecnologias sociais significa que ser gravado é uma ação inevitável e aceitável da vida moderna (VRIES, 2015, p. 2057 – tradução nossa)³³. Contudo, o ato de compartilhar essas filmagens foi considerado um pouco mais complexo, pois, enquanto gravar é quase uma atitude espontânea, compartilhar requer maior reflexão sobre as possíveis consequências uma vez que você não vai ter mais controle sobre as filmagens.

O maior perigo mora no encontro da falta de vergonha com a humilhação. Toda a atmosfera da internet colaborou para que as pessoas se sentissem livres para postar o que quisessem o que deu a elas a oportunidade de serem anônimas, acreditando que saíam impunes de qualquer ato. Isso resultou em crimes sendo cometidos e exibidos pelos praticantes dos atos ilícitos na web, como ocorreu na divulgação do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em maio deste ano. A falta de inibição na internet está, também, vindo parar no mundo real.

5.3 POR QUE ESCOLHEM A HUMILHAÇÃO COMO ARMA?

Como Jacquet (2015) definiu, para que a vergonha exista é preciso que haja uma exposição e, para isso, é necessário que exista uma plateia. Embora exista um tipo de vergonha que pode ser experimentada internamente, não é o caso a ser tratado nesse trabalho. Aqui não se trata do sentimento que um adolescente tem de seus pais, mas sim o que eles sentem quando seus amigos os veem sendo deixados na porta da escola pelos pais.

A vergonha não só está intimamente ligado ao eu. É também intimamente ligado a nossos relacionamentos com os outros. Vergonha inclui o contextos interpessoal, em que esta emoção surge, o papel que desempenha no relacionamento com os outros, e

³³ “the prevalence of social technologies means that being recorded is an inevitable and acceptable function of modern living” (VRIES, 2015, p. 2057)

suas implicações para o ajustamento social de longo prazo (MARTENS, 2005, p. 401 - tradução nossa).³⁴

Muitos pesquisadores apresentaram trabalhos sobre por que a vergonha não deveria ser usada contra criminosos por diversos motivos (JACQUET 2015). A filósofa política Martha Nussbaum acredita que a principal responsabilidade do Estado é proteger a dignidade do homem. Punir com vergonha vai contra isso. Professor James Q. Whitman argumenta que tais punições passam a responsabilidade de punir do Estado para o público. “Punições com envergonhamento seria errado mesmo que não tivessem impacto algum sobre o o infrator, pois elas representam uma parceria imprópria entre o Estado e o público (JACQUET 2015, p. 34 – tradução nossa)³⁵

O principal motivo pela escolha da vergonha como ferramenta de correção comportamental é por que ela é barata. Quando o Estado da Califórnia decidiu colocar uma lista com os 500 maiores sonegadores de impostos em seu site³⁶ esperava arrecadar aproximadamente US\$ 1,6 milhões dos devedores, número bem acima do investimento de US\$ 162 mil pela criação do site, mais US\$131 mil de custos anuais com operações, mas desde que foi colocado no ar, em 2007, essa estratégia já rendeu a recuperação de mais de US\$ 336 milhões aos cofres públicos (JACQUET, 2015).

Se a humilhação traz consequências negativas na vida real, elas são ampliadas se usadas na internet. Um dos maiores problemas que o linchamento virtual traz é a desproporcionalidade tanto em relação à infração e a punição quanto ao que ganha notoriedade e que o que não. Um exemplo da primeira situação pode ser o vídeo – de mais de dez minutos – que viralizou na internet no qual estudantes do sétimo ano do ensino fundamental cometiam bullying contra uma mulher de 68 anos³⁷; os quatro meninos fazem piadas sobre o peso da mulher e até mesmo sobre o seu filho que cometeu suicídio; Os adolescentes receberam ameaças de morte, e nós todos podemos concordar que nem garoto de treze anos deveria morrer por algo

³⁴ Shame is not only intimately connected to the self. It is also intimately connected to our relationships with others. Shame includes the interpersonal contexts, in which this emotion arises, the role it plays in relationships with others, and its implications for long-term social adjustment (MARTENS, 2005, p. 401)

³⁵ Shame sanctions would be wrong even if they had no impact on the offender at all, for, no matter what, they would represent an improper partnership between the state and the crowd”³⁵ (JACQUET 2015, p. 34).

³⁶ Disponível em <https://www.ftb.ca.gov/aboutFTB/Delinquent_Taxpayers.shtml> Acesso em 14/07/2016

³⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JuCNQFZ-H4E>> Acesso em 15/07/2016

que disse, nessa premissa básica não restaria muito menos de 13 anos. (JACQUET, 2015, p.127 – tradução nossa)³⁸.

Quando começamos a nos comunicar através da linguagem falada, não precisávamos mais observar comportamentos para aprendê-los; a fala permitiu que aprendêssemos normas sociais através de conversar, de fofoca, mas essa foi só a primeira ferramenta de comunicação usada para reforçar normas sociais, depois dela veio a escrita e desde então houve cinco grandes avanços na tecnologia da comunicação: a prensa móvel, o telégrafo e o telefone, mídias gravadas, mídias transmitidas e tecnologias digitais (JACQUET 2015). A internet aumentou o alcance da fofoca; depois dela você não precisava mais ligar para cada um de seus amigos, um simples tweet alcançava todos eles.

Se queremos continuar a usar a vergonha como forma de controle parece ser preciso esquecer a estigmatização das letras escarlates. Em seu livro *Is Shame Necessary: New Uses For An Old Tool*, Jannifer Jacquet (2015) propõe sete regras para serem aplicadas e talvez fazer com que a humilhação funcione para o bem: a transgressão precisa ser algo importante para a audiência, se afastar muito do que seria considerado desejável e ser formalmente punida, o transgressor deve se importar com o público que o humilha e a vergonha deve vir de uma fonte respeitada, ser direcionada para o ponto que traga benefícios para a sociedade e, o mais importante, ser implementada com consciência. Talvez essa receita proposta por Jacquet não minimize as consequências da humilhação públicas, mas ela toca no ponto certo, precisamos usa-la pensando em melhorar nossa sociedade. Para todos os envolvidos dess avez.

³⁸ “the teens received death threats, and we can all agree that no thirteen-year-old should die for something he said, on the basic premise there wouldn’t be many thirteen-years-old left” (JACQUET, 2015, p.127)³⁸.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: VOLTAR A NÃO TER VOZ

Desde que o homem moderno começou a dar os primeiros passos há aproximadamente 40 mil anos, existia um forte sentimento de compartilhamento intrínseco nele; prova disso são as pinturas rupestres encontradas em cavernas ao redor do mundo, às vezes tão difíceis de se achar que nos resta imaginar o tamanho da necessidade de se expressar que tinham esses indivíduos que iam até lugares quase impossíveis de se estar com uma tocha e uma pedra para deixar sua marca. Desde de então nossa comunicação avançou de forma tão extrema que se tornou fácil esquecer que essa necessidade de expressão sempre existiu.

Nós inventamos a linguagem falada, que se tornou a base de qualquer tipo de comunicação depois. Transformamos essa oralidade em escrita e começamos a levar nosso conhecimento a cobrir uma área maior. Criamos uma maneira mecânica, mais rápida e econômica, para produzirmos mais cópias dessa escrita e alcançarmos ainda mais espaço e, pela primeira vez, o tempo para se produzir um livro era menor do que o tempo gasto para lê-lo. Não contentes inventamos novos meios de nos comunicar: o telefone, o rádio, a TV etc. E cada uma dessas tecnologias foi mudando para sempre a forma como a informação era repassada e o modo como nos relacionávamos.

O problema nessa linha do tempo era que as informações transmitidas não se adequavam à forma como a sociedade estava preparada para recebê-las: os desenhos nas cavernas eram únicos e a população da época não tinha repertório algum para interpretá-los; a linguagem falada encontrava barreiras enormes já que cada sociedade existente tinha criando seu próprio dialeto, a popularização de livros aconteceu devagar, já que a prática da leitura era um privilégio reservado para altas classes sociais, e a TV, como foi visto nesse trabalho, nem sempre exercitava o pensamento mais crítico do público.

Por último, e de nenhuma forma menos importante, veio a internet; encolhendo o tempo e espaço. Ficamos em um estado de êxtase; pela primeira vez em milhares de anos a comunicação estava de volta às nossas mãos e nós podíamos usá-la da forma que bem entendêssemos. Estar conectado tornou-se tão essencial para nós como comida e abrigo. O passado o presente e o futuro se tornaram uma coisa só no emaranhado de informações que se tornou a web.

Por causa disso, e de ser um meio novo do qual ainda não sabemos as consequências reais que causarão à sociedade, estudiosos se dividem quanto as mudanças que

a internet vai promover nas nossas vidas. Nós passamos pela posição otimista do Shirky e pela visão pessimista de Keen, mas acredito que uma união do pensamento dos dois apresenta uma visão bem mais verossímil: é verdade que a internet permite uma abertura maior para que o público produza e responda, e isso pode sim levar a um amadorismo da produção cultural, mas isso não quer dizer que a nova produção seria inferior a antiga. Seria preciso aqui entrar em uma nova discussão acerca do valor de diferentes culturas, e esse não era o objetivo desse trabalho.

Mas junto com a ativa participação do público outras coisas mudaram nosso comportamento nessa rápida expansão da web, nós ficamos mais exibicionistas, narcisistas e – graças a filtros em redes sociais que só nos mostram o que gostaríamos de ver – perpetuamos a ignorância adquirida por décadas através da televisão. E na minha opinião é aqui que mora o grande problema.

“A melhor coisa sobre as mídias sociais foi como elas deram voz para pessoas sem voz, mas agora nós estamos criando uma sociedade do patrulhamento em que a maneira mais esperta de sobreviver é voltar a não ter voz”³⁹. É com essa reflexão que Jon Ronson termina sua palestra sobre o livro *Humilhado: Como a era da internet mudou o julgamento público* (que inspirou esse trabalho) em uma TED Talk em junho de 2015. Ronson está sendo hiperbólico, é claro, mas suas considerações não deixam de ser pertinentes para o tema aqui discutido. Parece que a internet é um brinquedo entregue a uma criança abaixo da faixa etária indicada na caixa; a criança acabou se machucando e alguém precisa tirar isso das mãos dela. Mas uma maneira melhor, porém não tão simples, seria ensinar essa criança a usar esse brinquedo.

Ronson explica a popularização de linchamentos virtuais com uma vontade do público de fazer justiça com as próprias mãos, tentar fazer um mundo melhor. Mas essa explicação parece ser insuficiente. Como esse trabalho mostrou a vergonha é uma ferramenta tão antiga quanto o mundo, e mesmo quando foi deixada de lado – por ser considerada ineficaz e dura demais – deixou no homem o gosto por ver o circo pegar fogo, da mesma forma que grupos sociais e a mídia deixou pensamentos estereotipados e preconceituosos.

Nossa sociedade não é igualmente justa com todos indivíduos e nós levamos essas diferenças ao montarmos nossa vida on-line. O que estamos observando agora é que essa

³⁹ “The great thing about social media was how it gave a voice to voiceless people, but we're now creating a surveillance society, where the smartest way to survive is to go back to being voiceless” Disponível em: <https://www.ted.com/talks/jon_ronson_what_happens_when_online_shaming_spirals_out_of_control/transcript?language=en>. Acesso em: 29/02/ 2016.

divisão não acontece mais; estamos conectados 24 horas por dia tuitando, compartilhando, postando selfies etc. E damos continuidade a todas as diferenças sociais já latentes em nossa sociedade ao fazermos isso.

Para provar que a sociedade aceita punições humilhantes na web mais que punições físicas, Jacquet (2015) e três colegas acadêmicos conduziram uma pesquisa com moradores dos Estados Unidos na qual davam cenários em que alguém cometia uma transgressão e recebia diferentes punições, eles descobriram que em grande parte as pessoas acham mais aceitável e justo humilhações on-line do que físicas. Por exemplo, é cabível ver um sonegador de impostos ter seu nome em uma lista na internet, mas imaginá-lo segurando uma placa confessando seu crime em um local público foi considerado uma pena pesada demais.

Mesmo que continuemos a usar a vergonha como controle comportamental – e acredito que vamos, já que ela se provou uma ferramenta poderosa e realmente útil – às vezes, precisamos definir qual objetivo queremos alcançar com ela na internet. Se o principal objetivo dos carrascos da web é reprimir alguns comportamentos julgados como imorais, é visível que ele não está sendo alcançado; apesar do esforço de conservadores, a comunidade abertamente homossexual cresce a cada dia, mulheres ganham cada vez mais espaço e os negros mais voz, e, do outro lado da moeda, a ameaça e o medo da humilhação não acaba com pensamentos homofóbicos, racistas e misóginos. Pode-se impedir que manifestações públicas desses pensamentos ocorram, mas não há como fazer com que não existam. Mas, ao que parece, o sentido de linchar alguém virtualmente está mais associado a um tipo de vingança do que à correção comportamental propriamente dita; como mostra a pesquisa de Vries (2015) em que a prática foi considerada um dever do cidadão e também o trecho da entrevista que Ronson fez com Mercedes Heafer, que destacamos abaixo. Usuária do 4chan, um fórum virtual no qual a anonimidade é garantida, ela participava de discussões dedicadas aos linchamentos virtuais:

Existe uma compreensão justa na internet sobre o que significa ser o peixe pequeno, o cara sobre quem babacas ricos e brancos fazem piada. Então, a questão com Justine Sacco descobriu como é ser o peixe pequeno de quem todos debocham. Arrastar Justine Sacco para a lama foi como arrastar toda pessoa rica e branca que já saiu impune com uma piada racista só por que podia. Ela achou que a piada sobre aids e negros fosse engraçada por que não sabe como é ser uma pessoa negra desprivilegiada, ou como é ser diagnosticada com aids [...] alguns tipos de crimes só podem ser resolvidos pelo consenso público e a humilhação. É um tipo de tribunal diferente. Um tipo de júri diferente. (RONSON, 2015, p. 138)

O que as ameaças e humilhações conseguem fazer, da forma como são usadas hoje, é isolar um indivíduo e fazer com que ele perca o direito de viver; talvez elas possam ainda ter

um efeito contrário e normalizar o comportamento, como aconteceu no exemplo das placas de regras no parque nacional mencionado anteriormente. Depois de um tempo, a sociedade do patrulhamento cansa de perseguir a mesma pessoa, mas o estrago já foi feito: uma única ação (possivelmente mal interpretada) vai preencher páginas e páginas do Google em uma simples busca pelo nome do indivíduo perseguindo-o em cada relação nova ou entrevista de emprego (caso ele não opte pelo mesmo destino de Amanda Todd). Algum tempo depois, os vigilantes vão arrumar outra vítima, com uma violação diferente, e o show de horrores vai recomeçar.

Em tempos nos quais os valores morais estão em constante mudança é importante refletir se a vergonha está sendo causada por diferenças sociais ou se seria a causa de divergências ainda mais fortes. Precisamos começar a usar a conectividade para aumentar nossa interatividade, para nos unir e não para nos separar por crenças, raças, orientações sexuais etc. Voltar a não ter voz não é nem de longe a solução para o problema. Na verdade precisamos é de ter ainda mais, e ao mesmo tempo em que praticamos nossa oratória devemos trabalhar nossa *escutatória*, como bem colocou Rubem Alves, praticar a empatia com o resto do mundo. Nós resgatamos a humilhação e conseguimos fazer a vergonha percorrer a internet, agora precisamos descobrir como fazer o perdão viralizar.

REFERÊNCIAS

- ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONKI, Bernardo e RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BOWLES, Samuel e GINTIS, Herbert. **A cooperative species: human reciprocity and its**. Princeton University Press: Nova Jersey, 2011.
- BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- BUZZI, Vitória de Macedo. **PORNOGRAFIA DE VINGANÇA: CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL E ABORDAGEM NO DIREITO BRASILEIRO**. 2015. 111 páginas Monografia (Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- CALZANS, Ricardo. Um fã conta como é a rotina de uma equipe de “legenders”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10/05/2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/um-fa-conta-como-a-rotina-de-uma-equipe-de-legenders-3011115>> Acesso em: 20/03/2016
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006
- CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHUA, Jia Ping Esther *apud*. Online Shaming in the Asian Context: Community Empowerment or Civic Vigilantism? In: MONOHAN, Torin *apud* (Orgs). **Surveillance and Empowerment**. Singapura, 2010 p. 181 – 199. Disponível em: <<http://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society/article/view/3485/3439>>. Acesso em: 04/05/2016.
- COMAY, Rebecca. O fim de partida de Benjamin. In: BENJAMIN, Andrew, OSBORNE, Peter. (Orgs.). **A filosofia de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.259-298.
- DINIZ, Ligia Gonçalves e FERNANDES, Fernanda Pires Alvarenga Debates sobre tudo e nada ou “justaposição indefinida”: sintomas do desespero das ciências humanas? / Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht. In **IPOTESI**, v. 19, Juiz de Fora, 2015, p. 1 – 10.
- FERRARI, Pollyana. **A força da mídia digital**. São Paulo: Factash Editora, 2010.

FRIDERICHS, Bibiana *et al.* Cultura e estereótipos veiculados pela televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8, Passo Fundo, 2007. **Anais eletrônicos**: Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0054-1.pdf>> Acesso em: 05/06/2015

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GARDNER, Amanda. Troll Psychology: Why People Are So Mean on the Internet. **News & Views**, Califórnia, 22/06/2016 Disponível em: <<http://psicologiaexperimental.blogs.sapo.pt/2059.html>> Acesso em 14/07/2016

JACQUET, Jennifer. **Is Shame Necessary?**: New uses for an old tool. Nova Iorque: Penguin Random House, 2015.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: Como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KEEN, Andrew. **#digital vertigo**: how today's online social revolution is dividing, diminishing, and disorienting us. Londres: Constable & Robison Ltda., 2012.

MANN, Steeve. "Sousveillance": Inverse Surveillance in Multimedia Imaging. **12th annual AMC international conference on Multimedia**. Nova Iorque, Vol. 12, p 620 – 627, 2004. Disponível em < <http://wearcam.org/acmmm2004sousveillance/mann.pdf>> Acesso em: 02/04/2016

MARTENS, William H J. A Multicomponential Model of Shame. In: *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 35:4, Países Baixos.. In: **RESEARCH GATE**, Países Baixos, 2005, p 399 - 411. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/229664263_A_Multicomponential_Model_of_Shame> Acesso em: 05/04/2015

MASSAROLO, João Carlos; ALVARENGA, Marcus Vinícius Tavares de. A Indústria Audiovisual e Os Novos Arranjos da Economia Digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, Curitiba, 2009. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2363-1.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2010.

RICHARD, Thaler e SUSTEIN, Cass. **Nudge**: O empurrão para a escolha certa. Editora Campus-Elsevier: Rio de Janeiro, 2009.

RONSON, Jon. **Humilhado**: como a era da internet mudou o julgamento público: Rio de Janeiro: Best Seller, 2015

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do Grotesco**: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SULER, John. The Online Disinhibition Effect. In: **CyberPsychology & Behavior**. Estados Unidos, Mary Ann Liebert, Inc., Vol. 7, N° 3, p. 321 – 326, 2004. Disponível em: <<http://www.samblackman.org/Articles/Suler.pdf>> Acesso em: 21/09/2016

VRIES, Amy. The Use of Social Media for Shaming Strangers: Young People's Views. In: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 48, Hawaii, 2015. In: **IEE COMPUTER SOCIETY**: Hawaii, 2015, p 2053 - 2062. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0054-1.pdf>> Acesso em: 05/06/2015

WALLENSTEIN, Andrew Justine Sacco: Sympathy for the twitter devil. **Variety**, Las Vegas, 22/12/2013. Disponível em: <http://variety.com/2013/digital/news/justine-sacco-sympathy-for-this-twitter-devil-1200985980/> Acesso em 19/06/2016